

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**Grupo de Oração Universitário (GOU) na Universidade
Católica de Goiás – uma análise sociológica**

Bernadete França Albano Silva

**GOIÂNIA
2001**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**Grupo de Oração Universitário (GOU) na Universidade
Católica de Goiás – uma análise sociológica**

**Bernadete França Albano Silva
Mestranda**

**Profª Dra. Carolina Teles Lemos
Orientadora**

**Dissertação apresentada ao
Curso de Mestrado em Ciências
de Religião como requisito para
obtenção do Grau de Mestre.**

**GOIÂNIA
2001**

S586g Silva, Bernadete França Albano, 1944-
Grupo de Oração Universitário (GOU) na Universidade
Católica de Goiás : uma análise sociológica / Bernadete
França Albano. – Goiânia, 2002.
125p.

Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de
Goiás, 2002

1. Grupo de Oração Universitário – jovens – Universidade
Católica de Goiás 2. Liderança Carismática 3. Carisma – religião
4. Renovação Carismática Católica 5. Sociologia religiosa –
Durkeim, E. 6. Sociologia religiosa – Marx, K. 7. Sociologia
Religiosa - Gramsci, A. 8. Sociologia religiosa – Weber, M. I.
Título

CDU: 2:316.74:378.4UCG(043)
241.611:378.4UCG(043)
243:378.4UCG(043)

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DEFENDIDA EM
16 DE AGOSTO DE 2001
E APROVADA COM NOTA 7,5 (SETE INTEIROS E CINCO DÉCIMOS)
PELA BANCA EXAMINADORA

Dra. Carolina Teles Lemos (Presidente)

Dr. Valmor da Silva (Membro)

Dra. Tânia Mara Campos de Almeida (Membro)

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	VI
AGRADECIMENTO	VII
LISTA DE SIGLAS	VIII
RESUMO	IX
ABSTRACT	X
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - FENÔMENO RELIGIOSO.....	18
1.1. FENÔMENO RELIGIOSO EM DURKHEIM	21
1.2. RACIONALIZAÇÃO E RELIGIÃO EM WEBER	24
1.3. RELIGIÃO - ABORDAGEM MARXIANA	31
1.4. CONCEPÇÃO GRAMSCIANA DA RELIGIÃO	33
CAPÍTULO 2 - CARISMA E LIDERANÇA CARISMÁTICA.....	39
2.1. CONCEITO	39
2.2. CONTRIBUIÇÃO À DISCUSSÃO SOBRE O CARISMA	42
2.3. TIPOS CARISMÁTICOS	47

2.3.1. O MAGO E O SACERDOTE	48
2.3.2. O PROFETA	50
2.4. LIDERANÇA CARISMÁTICA	55
CAPÍTULO 3 - IGREJA E HIERARQUIA	62
3.1. A IGREJA COMO PODER HIERARQUIZADO	62
3.2. FENÔMENO CARISMÁTICO CATÓLICO	66
3.2.1. ORIGEM	66
3.2.2. RENOVAÇÃO CARISMÁTICA E PROXIMIDADE COM O VATICANO	68
3.2.3 CARISMÁTICOS NO BRASIL	75
3.3. ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA NO BRASIL	77
3.4. PROJETO UNIVERSIDADES RENOVADAS (PUR)	87
3.4.1. CARACTERIZAÇÃO	87
3.4.2. PRESENÇA DO GOU EM GOIÂNIA	90
3.4.2.1. ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DO GOU	90
3.4.2.2. PREPARAÇÃO DAS REUNIÕES	93
3.4.2.3. RITUAL DA REUNIÃO	95
CAPÍTULO 4 - EXPERIÊNCIA RELIGIOSA NO GOU	103

4.1.. DESENCANTAMENTO DO MUNDO	103
4.2. ENCANTAMENTO.....	107
4.3. REENCANTAMENTO.....	111
CONCLUSÃO	117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	121

**Aos jovens que buscam a esperança, a alegria e a
felicidade no Grupo de Oração Universitário.**

Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse a caridade, seria como um bronze que soa ou como um címbalo que tine!

(1 Cor 13,1)

Eu nada seria...

Sem a bênção Divina.

Sem o apoio dos meus superiores no trabalho: a Sociedade Goiana de Cultura, a Universidade Católica de Goiás

Sem as seguras, claras e pacientes orientações da nossa estimada Carolina e dos professores que transmitiram, além do conhecimento, a sabedoria do Mestre

Sem a colaboração e carinho de toda a minha família, especialmente: do Leônidas, da Bethiere, do Apoena e do Leônidas Júnior.

LISTA DE SIGLAS

CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
ENUCC	Encontro Nacional de Universitários Católicos Carismáticos
GOU	Grupo de Oração Universitário
GPP	Grupo de Partilha e Perseverança
PUR	Projeto Universidades Renovadas
RCC	Renovação Carismática Católica
SEARA	Encontro aberto de carnaval promovido pela Renovação Carismática de Viçosa-MG
SVES	Seminário de Vida no Espírito

Expressões Latinas:

Cf. Confira

IBIDEM ou IBID na mesma obra, ou o mesmo autor, já referidas em nota imediatamente anterior

IDEM ou ID do mesmo autor

Op. cit. na obra citada

PASSIM aqui e ali; em vários trechos ou passagens

SIC assim mesmo, desta maneira

Termos Bíblicos:

At Atos do Apóstolos

Cor Epístola aos Coríntios

Mt Mateus

Rm Epístola aos Romanos

RESUMO

O texto apresenta as conclusões de dissertação de mestrado cujo objetivo visa analisar, do ponto de vista sociológico, a função desempenhada pelo Grupo de Oração Universitário – GOU, face à idéia de desencantamento do mundo, vista sob a ótica da racionalidade e do carisma na busca do homem como ser no mundo.

Também focaliza a pretensão do jovem que participa de um grupo de oração.

A análise destaca três pontos:

Fenômeno religioso, visto a partir dos teóricos DURKHEIM, MARX, GRAMSCI e WEBER.

Carisma e liderança carismática - estabelecendo uma relação conceitual dos carismas e dos tipos carismáticos.

Igreja e hierarquia – trata-se da análise quanto à estrutura da Renovação Carismática Católica, na Igreja e Religião.

Finalmente, trata da Experiência no GOU que se desdobra nas idéias de desencantamento do mundo, encantamento e reencantamento, sintetizando a trajetória de busca do jovem em sua participação no GOU.

A conclusão aborda aspectos julgados como dificuldades do Movimento Carismático Católico ao mesmo tempo que ressalta aspectos positivos da RCC, conforme a pesquisa teórica e a participação do jovem universitário no GOU.

ABSTRACT

This text presents conclusions of a master's degree course essay about the praying groups called Grupo de Oração Universitário – GOU.

This paper aims to analyse, in a sociologic point of view, these group's functions. The GOU is studied facing the 'disappointment of the world' ideas, seen through a rational view and the human being's searching for him or herself.

It also focuses the youth's intentions in participating in a praying group.

It is remarked in the analysis by three points:

As a religious phenomenon, as seen in DURKHEIM's, MARX's, GRAMSCI's and WEBER's theories.

Charismatic gifts and leadership to establish a concept among the gifts in its different kinds according to the authors above.

Church and hierarchy – analysed by the Catholic Charismatics Movement's structure. This structure is studied in three levels: in the Church, Religion and 'disappointment of the world's ideas'. These last ideas reinforce the understanding about truth and hope inside the young participants of the GOU.

The conclusion presents some aspects seen as difficult situations for the Catholic Charismatic Movement, and at the same time, the conclusion points out the positive aspects of the CCM.

INTRODUÇÃO

Centrar nosso olhar no Movimento Carismático Católico e destacar o Grupo de Oração Universitário para desenvolver esta dissertação, teve motivação na leitura que fazemos acerca da sociedade contemporânea ao perceber, na sua dinâmica, o interesse pelo campo religioso que tem crescido, especialmente, entre os jovens.

Na busca para a definição do tema, desta pesquisa, algumas questões se colocaram de modo mais intenso. A sociedade no seu todo ao descrever, em final de milênio, um quadro de morte configurado na insegurança, no medo, motivado pela criminalidade, desagregação familiar, doenças, fortes tendências racionais na escolha dos modelos de vida, se apresentam ao jovem, no nosso entender, como um ‘desencantamento do mundo’.

Buscar na trajetória da espiritualidade a realização da alegria, do prazer e da felicidade, ressoou como resposta às indagações que levantamos: por que o jovem universitário se volta a um grupo de oração quando a academia em sua trajetória sempre revelou ser palco de discussão face a tensão desencadeada pelo discurso científico e religioso e mais precisamente, no mundo Ocidental, ciência em confronto com a Igreja. Apesar de que o avanço da ciência e da tecnologia, aceito na própria Igreja, não significa um rompimento com a religião, haja vista que a Igreja propõe às universidades a pluralidade na discussão fé e razão.

Este questionamento nos conduziu a esboçar como objetivo: analisar a função desempenhada pelo GOU na universidade face à idéia de ‘desencantamento do mundo’, vista sob a ótica da racionalidade e da busca de realização do homem enquanto ser no mundo. Neste sentido, focalizaremos a motivação e pretensão do jovem que participa do Grupo de Oração Universitário na Universidade Católica de Goiás.

Nossa hipótese se fundamentou na idéia de a religião que se evidencia, por meio do Movimento Carismático Católico, e que parece apresentar-se ao jovem como um porto seguro na medida em que acena para o Reino (sagrado) enquanto possibilidade real de participação, ancorada na inspiração (sopro) do “Espírito Santo de Deus” e na proteção de “Maria Santíssima”, mãe de todos por doação de Jesus Cristo, crucificado, que fez a entrega: “Mulher, eis aí o teu FILHO. Eis aí tua MãE.” (Jo 19,26-27 in BIBLIA DE JERUSALÉM, 1995:2036). Sentir-se sob esta dupla proteção faz com que o jovem que participa do GOU vislumbre segurança, apoio, fundamentado na racionalidade.

A ausência do sagrado traz ao jovem a solidão, o vazio. O prazer, a alegria, a felicidade, não se revelam, para ele, nas relações cotidianas mundanas. O jovem quer segurança e prazer. O Grupo de Oração representa para o jovem a possibilidade de sua aproximação com o sagrado, divinizado, seu Deus. Oportuniza também o desenvolvimento das relações de amizade, lazer. Fornece ao jovem o sentimento de apoio, de passagem da condição de insegurança à de segurança. Além do que, a convivência no GOU gera vinculações com outras instâncias da RCC, como os serviços e ministérios, campo fértil à realização dos dons, carismas.

Deste modo, o engajamento do jovem acadêmico no GOU, no nosso entendimento, tem o significado da aceitação da condição do jovem ser SERVO de DEUS. Supondo o encontro do HOMEM ou MULHER, da criatura com o Criador.

A partir desta reflexão, buscamos trabalhar uma metodologia que nos permitisse, conhecer mais aprofundamente as raízes do Movimento Carismático e as

imbricações dos carismas, a partir de uma sociedade racionalizada, que concebe a expansão dos movimentos religiosos nas diversas direções da mensagem cristã, especificando o Movimento Carismático Católico como referência à leitura do fenômeno religioso, visto na sua dimensão sociológica.

A pesquisa se fundamenta na revisão bibliográfica, a partir dos teóricos DURKHEIM, MARX, GRAMSCI e WEBER de quem tomamos as categorias desencantamento do mundo, racionalidade e carisma, além da busca à compreensão quanto ao fenômeno religioso, discutido a partir, especialmente, dos teóricos citados.

O fenômeno “desencantamento do mundo” observado por WEBER, supõe, neste estudo, um desdobramento que implica no “encantamento”, momento inicial de identificação do jovem com o Grupo de Oração Universitário lugar onde se realizam as relações de amizade, de busca, de solução aos seus problemas cotidianos nas questões sociais e de fé. É porém no engajamento nos serviços que o jovem experimenta o momento do “reencantamento”: momento da experiência, da vivência na fé, visto todavia como parte de um processo de busca contínua onde fé e razão mantêm-se em tensão se tomados face à hierarquia da Igreja.

No aspecto documental, a bibliografia consultada centrou-se na fala da Igreja por meio do discurso divulgado nos documentos oficiais da Igreja como Encíclicas, cartas pastorais, além da leitura divulgada nas obras de editoração católica, principalmente. Houve, neste sentido, a preocupação com os textos bíblicos, tomando a Bíblia de Jerusalém como referência.

A pesquisa de campo privilegiou o contato direto com os pesquisados, especialmente os participantes, os coordenadores de GOU e membros de núcleo. Além de participar de eventos como celebrações da Eucaristia, Missa de Cura, Celebrações do Santíssimo, Encontro como o Encontro Nacional de Universitários Católicos Carismáticos –

ENUCC, Congresso de Secretarias, observamos sistematicamente, cerca de 15 reuniões desenvolvidas por um GOU no período de 2000-2001 na Universidade Católica de Goiás. Também acompanhamos experiências de festas dos jovens, destacando aniversários dos participantes, encerramento de atividades e festa nos dias de carnaval.

A pesquisa toma como universo a Instituição Universidade Católica de Goiás, delimitando a leitura na experiência do Grupo de Oração Universitário. Deste modo, restringe-se a analisar as informações colhidas dos sujeitos envolvidos em duas instâncias que se denominam: interna, alunos da universidade que participam do GOU e externa sujeitos que orientam o processo, vinculados ao movimento católico carismático e que participam da “Associação Servos de Deus” e ao Projeto: “Universidades Renovadas” da Secretaria Lucas da RCC.

Os sujeitos quer internos ou externos foram incluídos como pessoas que se dispõem a colaborar com apresentação de informações, colhidas em questionários, formulários e depoimentos.

Os questionários foram aplicados em duas categorias de sujeitos internos – aqueles que participam no GOU selecionadas para observação direta e externos, os coordenadores de GOU e componentes dos Núcleos. O processo de coleta de dados e informações, se fez ao longo do processo de observação, porém a aplicação dos questionários se realizou no último semestre de observação.

Sistematicamente foram observadas as reuniões do grupo de oração realizadas no período de setembro/ 2000 – maio/ 2001, num total de 15 reuniões. O registro seguiu o ritual etnográfico, tendo-se em vista aproveitar o contexto das reuniões.

Da mesma forma foram registrados as observações das reuniões do GOUZÃO – representativa de todos os GOUs por seus coordenadores. Foram ainda realizadas

entrevistas com os Coordenadores do Projeto Universidades Renovadas de duas gestões e Coordenação Regional do PUR.

O processo de investigação compreendeu três momentos: que se colocaram não de forma linear justapostas, mas por meio de uma dinâmica, interagindo as partes, possibilitando a revisão ao longo do processo de investigação. A pesquisa considerou o objeto em estudo sujeito do processo, portanto capaz de agir-reagir-agir.

Didaticamente, este processo constituiu-se em três fases:

1. Exploração que envolveu a seleção, definição de problemas, escolha do local da pesquisa e levantamento inicial de dados e informações preliminares e negociação com os sujeitos envolvidos no sentido da aceitação da proposta, visto que, de certa forma, houve concomitantemente uma parceria que implica doação e reciprocidade. Este momento foi fundamental para a abertura do canal de comunicação com os dirigentes da RCC.
2. Decisão constituiu o momento em que os dados e informações levantados foram considerados próprios, suficientes e importantes para a compreensão e interpretação do fenômeno em estudo.
3. Teorização e análise do fenômeno buscando sua explicação na realidade (contexto).

A análise buscou apoiar-se: racionalidade na tentativa de elucidar o “desencantamento do mundo” e a busca de realização do homem enquanto ser no mundo. E carisma visto/ analisado no contexto institucional provoca uma leitura, que passa pela compreensão dos tipos carismáticos e pela Igreja, do ponto de vista da sua estrutura hierárquica.

A análise partiu de uma revisão da literatura focalizando o fenômeno religioso a partir das relações que implicam a visão de racionalidade e carisma, apoiando-se em WEBER.

Deste modo, nosso contato no movimento especialmente no Projeto Universidades Renovadas, Secretaria Lucas, incluiu o contato direto com os participantes e as lideranças que ocupam as esferas regional e nacional do projeto.

A pesquisa desenvolvida nos permitiu trabalhar este texto focalizando:

o fenômeno religioso, momento em que buscamos a compreensão do fenômeno religioso visto na dimensão sociológica,

carisma e liderança carismática fundamentando a leitura em WEBER e nos textos bíblicos com vistas à leitura e análise acerca das relações que se desdobram com a vivência dos carismas no movimento carismático católico e, especialmente, no GOU no contexto do PUR e da RCC,

igreja e hierarquia, este tema nos permitiu analisar a estrutura da RCC no corpo da Igreja, buscando situar as lideranças que fazem parte do complexo projeto Ofensiva Nacional, responsável pelo impulso da RCC no Brasil. Ao mesmo tempo colocamos em tela o GOU a partir das observações realizadas por ocasião de reuniões.

Por fim, em Religião e desencantamento do mundo, ressaltamos a vivência no GOU nos apoiando nos depoimentos com o sentido de vislumbrar verdade e esperança vistas conforme o entendimento da leitura que o jovem faz em suas relações cotidianas.

Buscando focalizar aspectos que contribuam a uma possível conclusão acerca do estudo desenvolvido, apresentamos como relevante o incentivo à vida em comunidade cristã atentando para dificuldades que o movimento carismático católico possa enfrentar, em sua vida cotidiana.

Lembramos que os nomes dos depoentes são fictícios.

Este texto se coloca às críticas, supondo que toda pesquisa é pesquisa inacabada na medida em que sugere a continuidade às explicações do objeto que lhe deu origem, mas que não se esgota num primeiro olhar.

CAPÍTULO 1 - FENÔMENO RELIGIOSO

Neste final de milênio assistimos a um processo de mudanças radicais que sensibilizam o imaginário e sugerem alterações nas crenças sejam elas de cunho teórico-científico ou religioso, levando à busca de novos paradigmas de leitura e análise.

Do ponto de vista da Sociologia da Religião as reformulações têm seu apoio em diversos teóricos: dentre os quais ressaltamos: DURKHEIM (1996), WEBER (1982,1996,1997), MARX (1974,1985) e GRAMSCI (1984, 1986 a e b, 1987). Estes autores situam a religião em lugar de destaque, enquanto referência à compreensão do desenvolvimento das sociedades humanas. WEBER prevê o declínio da religião. Porém, esta previsão muda de direção na medida em que o eixo da questão se desloca para mudanças no campo religioso, sugerindo a busca de outros paradigmas de leitura e análise do fenômeno religioso (Cf. MACHADO: 1996, 11 ss).

GRAMSCI (1984, 1986a), ao abandonar a trajetória da concepção de religião como universal, desenvolve o conceito de religião popular vista pela ótica política.

Deste modo julgamos pertinente tomar como apoio as reflexões que autores como DURKHEIM (1996), WEBER (1982, 1996, 1997), MARX (1974, 1985) e GRAMSCI (1984, 1986 a e b, 1987) desenvolveram em torno do fenômeno religioso.

A experiência do homem com o sobrenatural, com as forças espirituais, com a divindade vem de tempos imemoráveis, desde os mais antigos dos nossos ancestrais. Especificar o lugar do fenômeno religioso e mais que isto, separar um campo de conhecimento em uma instância própria, foi possível com advento das Ciências da Religião que reúnem os estudos e investigações acerca do fenômeno religioso, desde as religiões ditas animistas ou primitivas às religiões das sociedades contemporâneas.

DESROCHE (1975) ao apresentar seu estudo acerca do fenômeno religioso defronta-se com a questão da cronologia: a que periodicidade se sujeita o fenômeno religioso na medida em que há um complexo considerável das religiões em todo o mundo. Apresenta um diagrama de A.C. BOUQUET, por meio do qual é exposta uma síntese das religiões sobre cinco milênios passados: arrola quarenta acontecimentos significativos, acerca de atividades religiosas criadoras, em correlação com suas circunstâncias sociais e políticas. Este esforço, assim como outros, a exemplo, o trabalho de J. GERNET na conclusão de sua enciclopédia sobre *Le Monde Chinois* e da enciclopédia *Quillet* (apud Desroche, 1975), não bastaram para esclarecer a historiografia das religiões. Nosso olhar sobre as religiões passa pelo filtro da civilização ocidental, quando o fenômeno religioso, ao incluir as diversas religiões, traz, em si, as impressões de um *locus* que embute uma cultura em especial. Portanto, tomar os tempos antes e depois de Cristo, como divisores da historiografia das religiões talvez não seja a decisão mais acertada, visto que, o cristianismo, sendo uma religião oriental, se converteu em religião do império romano e posteriormente em religião da Europa.

Certamente este fator alterou a sua primitividade (cristianismo primitivo) que se fundava nas comunidades israelitas.

Mas, voltando a preocupação acerca das Ciências da Religião entendemos que foi preciso haver a ascensão da Sociologia para que se pudesse, então, especificar o campo das Ciências da Religião e deste modo, dar-lhes autonomia, independência para uma análise e

interpretação sociológica do fenômeno religioso separado da satelitização que este fenômeno se submetia face às interpretações teológicas.

Esta possibilidade permitiu incluir nas Ciências das Religiões os fenômenos que excluem a divindade, como veremos a seguir na leitura sociológica de DURKHEIM.

Nossa leitura teve a intenção de focalizar elementos sociológicos que contribuíram a uma compreensão conceitual acerca da sociologia da religião em torno do seu objeto de estudo. Entendendo que este conceito só pode ser delineado a partir do momento em que o traço da universalidade aliado à idéia de salvação passaram a fazer parte da leitura da religião e naturalmente do fenômeno religioso com base na crítica centrada nas relações sociais, econômicas e políticas, no momento em que se dão as relações de troca. Parece-nos que este momento, especialmente para WEBER, se apresenta propício a essa discussão, uma vez que a sociedade (ocidental) já experiencia o Estado Moderno e a nova ordem político-econômico-social sugere um mundo, onde as idéias já separam o sagrado do profano e o homem ilustrado já pode dizer algo sobre o fenômeno religioso e suas imbricações contextuais.

Nesta leitura focalizamos, em síntese, elementos do fenômeno religioso e da sociologia da religião conforme o que nos apresentam DURKHEIM e WEBER, sem dúvida, duas personagens significativas e importantes, que contribuíram, sobremaneira, com a crítica sociológica neste campo, além do realce que impuseram à sociologia. Mas, pela complexidade do significado deste fenômeno, cremos ser igualmente oportuno pontuar aspectos da análise marxiana e marxista. Deste modo é que focalizamos aspectos da análise de MARX e GRAMSCI.

1.1. O fenômeno religioso em Durkheim

DURKHEIM (1996), ao apresentar sua leitura acerca do fenômeno religioso e da religião, chama a atenção para o cuidado que se tem ao iniciar um trabalho desta natureza: libertar nosso espírito de toda idéia preconcebida. Isto posto, nos leva a entender a preocupação peculiar do positivismo quanto a questão da neutralidade. De qualquer modo, isto não representa empecilho à busca de uma compreensão do objeto em estudo.

Para desenhar o conceito de religião, DURKHEIM parte da afirmativa “os homens foram obrigados a criar para si uma noção do que é a religião, bem antes que a ciência das religiões pudesse instituir suas comparações metódicas” (DURKHEIM, 1996:4).

Seu estudo toma por base a realidade concreta das religiões buscando focalizar aquilo que elas têm em comum. Para isto, parte das definições mais usuais, sem lapidar os preconceitos que elas carregam.

Uma das noções iniciais acerca do que é religioso é a de sobrenatural, isto é aquilo que ultrapassa o nosso entendimento. É o mistério. Neste sentido “a religião seria, (...) uma espécie de especulação sobre tudo o que escapa à ciência e, de maneira mais geral, ao pensamento claro” (DURKHEIM, 1996:5). Para SPENCER ‘o mundo, com tudo que contém e tudo que o cerca, é um mistério que pede uma explicação’ e acrescenta, ele, consiste na ‘crença na onipresença de alguma coisa que vai além da inteligência!’ (SPENCER, apud DURKHEIM, *ibid* p.5)

DURKHEIM (1996:5) com base no pensamento de MÜLLER, afirma que em toda religião há ‘um esforço para conceber o inconcebível, para exprimir o inexprimível, na inspiração ao infinito’. Esta noção de mistério longe de ser estrita às religiões primitivas perpassa as religiões sendo no Cristianismo ainda mais complexo: o mistério da Santíssima Trindade. Mesmo assim esta noção não pode ser tomada com exclusividade, neste caso, uma

vez que ela, em dados momentos, é colocada em segundo plano; além do que, do ponto de vista da razão, não se coloca como um empecilho, nem como elemento perturbador da fé que não encontra dificuldade em conciliar-se com a ciência e a filosofia. Daí a recomendação de DURKHEIM em não considerar este elemento como essencial.

A religião é às vezes definida enquanto específico da divindade. Tomando a definição de A RÉVILLE, religião “é a determinação da vida humana pelo sentimento de um vínculo que une o espírito humano ao espírito misterioso no qual reconhece a dominação sobre o mundo e sobre si mesmo, e ao qual ele quer sentir-se unido”. DURKHEIM (1996:11) afirma que esta definição centrada na divindade termina por excluir as religiões de determinadas etnias, como nos alerta Tylor.

A idéia do divino, por si só não determina a existência da religião, como se pode atestar no mundo oriental, o budismo. “O budista não se preocupa em saber de onde vem esse mundo do devir em que ele vive e sofre; toma-o como um fato e todo o seu esforço está em evadir-se dele”(DURKHEIM, 1996:13).

O budismo, diz BURNOUF, ‘apresenta-se, em oposição ao bramanismo, como uma moral sem deus e um ateísmo sem natureza’. ‘Ele não reconhece um deus do qual o homem dependa, diz BARTH, sua doutrina é absolutamente atéia’, e OLDENBERG, chama-a uma ‘religião sem deus’ e acrescenta DURKHEIM, o budismo consiste em quatro nobres verdades:

1. existência da dor ligada ao perpétuo fluxo das coisas;
2. desejo como causa da dor;
3. supressão do desejo como único meio de suprimir a dor;
4. etapas para chegar a esta supressão: a retidão, a meditação e a sabedoria, a plena posse da doutrina.

Assim chega-se à libertação, à salvação pelo Nirvana. (Cf. DURKHEIM, 1996:12-13).

O budismo consiste na noção de salvação, o que exige que se conheça e pratique a boa doutrina. Portanto diferente do Cristianismo, que concebe além da idéia o culto de Cristo, “pois é por Cristo que a comunidade dos fiéis continua a comunicar-se com a fonte suprema da vida espiritual” (DURKHEIM, 1996:15). De origem bramânica, assim como o budismo também o jainismo faz parte da religião ateísta, no sentido da ausência da divindade, em que o homem salva-se a si mesmo, sem que haja invocação a qualquer ser supremo.

Da mesma forma que há ritos que derivam dos deuses, há também ritos sem deus. Isto leva à confirmação de que a “religião vai além da idéia de deuses ou de espíritos”.

Onde buscar então as bases de um conceito de religião que não dependa da presença da divindade?

Para DURKHEIM (1996), as crenças religiosas conhecidas supõem uma classificação das coisas reais ou ideais que os homens concebem e que podem ser designadas pelos termos: profano e sagrado. Neste sentido, não só os deuses ou espíritos se constituem no sagrado, mas também as coisas que tomadas como sagradas e que no caso do budismo sintetizam-se nas quatro verdades, supra mencionadas. Assim a natureza das coisas sagradas se exprimem por meio de representações ou sistemas de representações.

É necessário distinguir entre o mundo mágico e o religioso. Tanto a magia quanto a religião têm crenças e ritos. Porém são opostas entre si. Para DURKHEIM o que as distingue é que “as crenças religiosas são sempre comuns a uma coletividade determinada, que declara aderir a elas e praticar os ritos que lhes são solidários.” O culto religioso é sempre celebrado coletivamente (DURKHEIM, 1996:28).

Já em relação à magia não tem a preocupação de unir seus clientes num mesmo grupo. O mágico e seus clientes não constituem uma igreja. Nem criam vínculos duradouros

entre si. Não há no mundo mágico, mesmo entre os mágicos, lugar para relações de comunhão, que os aproximem, que os congreguem. Não há portanto, entre eles o sentido de comunidade. Assim se explica a excludência entre magia e religião, religião e magia.

Com base nas argumentações apresentadas, DURKHEIM chega então ao conceito de religião: “um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem”. (ibid p.32)

1.2. Racionalização e religião em WEBER

Uma leitura acerca da racionalização e da religião em WEBER (1997) implica em retomar o estudo desde as forças mágicas mana e orenda que, para o autor, têm o significado de carisma: dom daquele que é qualificado. Isto posto, sua análise perpassa o mundo animista. Realiza-se na ação que decorre de um mundo centrado na racionalidade e na burocracia administrativa. É no contexto das forças produtivas, organizadas enquanto empresa, dentro de uma ordem político-econômico-capitalista, em desenvolvimento, que se coloca a análise weberiana sobre a questão religiosa. Assim, ao mesmo tempo que o processo de racionalização das forças produtivas, e em especial do trabalho, se concretiza no plano material da empresa fomentando o advento do capitalismo, gesta-se também uma nova ética que apoia e ao mesmo tempo, se respalda nas idéias, fruto do processo de racionalização e emancipação do homem em relação ao seu criador. A secularização* dá lugar à ascese intramundana, rompendo com a teocracia e estabelecendo uma nova leitura do transcendente, na sociedade reformada. Nossa leitura teve a intenção de focalizar alguns aspectos da análise feita por WEBER (1996), acerca da questão religiosa, ressaltando elementos da ética

* Secularização – “processo de mudança social através do qual a influência da religião e do pensamento religioso sobre as pessoas declina, à medida que é substituída por outras maneiras de explicar a realidade (...)” Cf. JOHNSON, Allan G. Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica. Tradução de Ruy Jungmann; consultoria, Renato Lessa. Rio de Janeiro: Zahar, 1977, p. 202.

protestante e do espírito do capitalismo sobre os quais WEBER desenvolve sua análise para compreensão desta questão.

WEBER ao participar do debate que discute sobre o fenômeno religioso e a religião rompe com as posições discutidas até então, colocando a Religião em posição de destaque, e reconhecendo seu papel autônomo nos processos sociais. Sua análise toma por base a **Ética** protestante e o espírito do capitalismo.

Sinaliza que “toda ação organizada por motivos religiosos ou mágicos é, em sua forma primária, uma ação racional, pelo menos relativa: se não é necessariamente um atirar segundo meios e fins (...), conforme as regras de experiência.” (WEBER, 1997: 328).

O desenvolvimento de um mundo racional apoiado em bases econômicas vai gerar as possibilidades para o advento de uma nova ética; a ética protestante – no contexto do mundo ocidental racionalizado.

Esclarece que a contribuição do cristianismo, neste sentido, tem sua gênese na versão ascética do protestantismo (o puritanismo e as seitas reformadas).

WEBER trabalha então com as imagens, representações e fins subjetivos, as possibilidades de inovação e de mudança social e interroga sobre o processo de racionalidade instalado, que se traduz no plano religioso em “desencanto do mundo” (Entzauberung) – eliminação da magia como técnica de salvação.

Tanto o capitalismo como a burocracia são fatores de expansão do processo de racionalização, um processo sem volta. A convicção de WEBER é “que as imagens religiosas do mundo (weltanschauungen) exercem um papel fundamental na formação das sociedades, mediante a legitimação de comportamentos tradicionais ou inovadores” (MARTELLI, 1995: 76).

A sociedade moderna tem como um traço fundamental a racionalização. Partindo da idéia fundada na contribuição da Religião na formação da sociedade moderna, a análise

weberiana reporta ao antigo judaísmo que se caracteriza pela transcendentalização ética. O cristianismo, sendo a síntese de judaísmo e cultura greco-romana resgata a magia e na perspectiva weberiana realiza parcial re-margização do mundo.

“O catolicismo latino e a ortodoxia enfraqueceram a transcendentalização, e com ela atenuou-se a afirmação do primado da consciência individual” (MARTELLI, 1995: 77).

No campo econômico, um ponto chave que WEBER coloca em destaque, é o da moral católica em relação à ética protestante. A igreja católica sempre viu o dinheiro como um meio capaz para prover necessidades: naturais – aquisição de bens e sobrenaturais – obras de caridade e nunca como um fim em si mesmo.

O Protestantismo desenvolve um processo de laicização, colocando a salvação não mais em um estado de vida separado do mundo (ascese extramundana) mas estabelecendo uma ascese intramundana. Elimina a mediação entre o homem e Deus – santos, indulgências, criando um clima favorável à racionalização centrada numa nova ética, a ética protestante através da qual a salvação passa a ser um processo que se gesta por meio do agir cotidiano, no cumprimento de deveres profissionais. Para WEBER, Lutero dá destaque à profissão em lugar da vocação ao adotar na tradução bíblica o termo alemão *Beruf* que tem este duplo significado. Assim a santificação e preparação para o Reino de Deus pelos leigos passa a ter sua fundamentação no trabalho.

Mesmo assim coube a Calvino estabelecer o processo de ruptura ao admitir que apenas uns e não todos eram os eleitos de Deus, aliado à ética vocacional do protestantismo ascético, do pietismo baseado na doutrina de predestinação e na ética de Benjamin Franklin, que se apoiava em virtudes como: a honestidade, a pontualidade, a laboriosidade, constituindo-se a idéia mais característica da ética social da cultura capitalista (vocação – profissão).

Para que o capitalismo se desenvolvesse era preciso que, ancorado numa ética, gerasse um modo de ser: o espírito capitalista.

Vale salientar que “uma vez enraizado na sociedade, o capitalismo vitorioso rompeu todos os vínculos com a Religião, cujas ligações não somente eram inúteis, mas até podiam provocar limites à própria liberdade de ação” (MARTELLI, 1995: 80).

O espírito capitalista em seu sentido normativo está baseado e revestido de uma ética. Situa o trabalho como um fim em si mesmo, isto é, como uma vocação. A expansão do capitalismo deve-se, portanto, ao desenvolvimento do espírito do capitalismo, possível com a ruptura com um estado de vida existente até então e a geração de um novo modo de vida que se fundamenta na ética protestante.

Ao estudar a Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo, WEBER faz uma análise do desenvolvimento da civilização ocidental do ponto de vista do processo construtor da racionalidade própria do mundo ocidental e altamente diferenciado do mundo oriental.

Concorrem ao desenvolvimento do processo, entre outros aspectos, segundo WEBER, o Estado como entidade política com Constituição racionalmente redigida; administração orientada por regras racionais, as leis e funcionários especializados.

O capitalismo ocidental supera a noção ingênua ou seja ânsia de lucro monetário pela procura de um lucro sempre renovado da rentabilidade (WEBER, 1996: 4).

Neste sentido, a ação econômica capitalista aproveita as oportunidades de troca, isto é, as possibilidades pacíficas de lucro.

O capitalismo, no período de sua grande expansão, teve a possibilidade de alterar a distribuição social da população de acordo com as necessidades e de lhe determinar sua estrutura ocupacional. A filiação religiosa não é, segundo WEBER, uma causa das condições econômicas, mas aparece como resultado delas. Para ele, o que explica a maior participação

dos protestantes na propriedade do capital, na direção e na hierarquia superior do trabalho nas grandes e modernas empresas comerciais e industriais, são os fatores históricos.

A adesão ao Protestantismo se deu por parte daqueles que já pertenciam aos domínios do antigo império, eram mais desenvolvidos economicamente e eram mais favorecidos pelos recursos e pela situação natural, principalmente os que faziam parte das mais ricas cidades por volta do século XVI. WEBER então indaga: por que razão as regiões de maior desenvolvimento econômico foram, ao mesmo tempo, particularmente favoráveis a uma revolução da Igreja ?

A reforma não implicou na eliminação do controle da Igreja sobre a vida cotidiana – mas na substituição por uma nova forma.

O controle existente era tênue, dificilmente perceptível na época:

- o domínio da Igreja Católica, “punindo o herege, mas perdoando o pecador”, é tolerado por povos de caráter econômico inteiramente moderno e nasceu entre as mais ricas, e, economicamente mais avançadas, nações da Terra – século XV;

- o domínio do Calvinismo (introduzido em Genebra e Escócia – séc. XVI, Países Baixos – séc. XVI – XVII, Nova Inglaterra e Inglaterra – séc. XVII), seria a forma mais insuportável de controle eclesiástico do indivíduo que até então já pode existir;

- os reformadores (desses países) de alto nível econômico, queixavam-se, não de demasiado controle da vida cotidiana por parte da Igreja, mas da falta de controle.

Também a educação de católicos e protestantes passa por uma orientação que se faz oposta: enquanto preferencialmente os católicos têm uma aprendizagem de base humanista (ginásio) os protestantes preferem uma educação voltada para os estudos técnicos e ocupações comerciais.

Os católicos têm maior tendência para o artesanato; já os protestantes preferiam as fábricas onde preenchiam as camadas superiores da mão-de-obra especializada e as posições administrativas.

O “alheamento” e a “alegria de viver” sinalizam diferentes traços entre católicos e protestantes. No catolicismo os traços mais ascéticos dos seus seguidores levam a uma indiferença frente aos bens deste mundo. O católico mais tranqüilo tem menos impulso aquisitivo, prefere uma vida o mais segura possível, mesmo que implique em menor renda, à vida arriscada ainda que com honrarias e riquezas. O protestante prefere saciar-se. Contudo a razão destas diferentes atitudes deve ser procurada no caráter intrínseco permanente de suas crenças religiosas (Cf. WEBER, 1996: 23).

Para WEBER “se se quiser achar qualquer relação interna entre certas expressões do velho espírito protestante e a moderna cultura capitalística, deve-se tentar achá-los, em qualquer hipótese, não na alegria de viver, considerada mais ou menos materialística, ou pelo menos anti-ascética, mas nas suas características puramente religiosas (WEBER, 1996:27).

É na análise acerca do espírito capitalista, construído desde os tempos mais remotos e que se intensifica nos tempos modernos, que se centra a explicação weberiana: “a questão das forças motivadoras da expansão do capitalismo moderno não é, em primeira instância, uma questão de origem das somas de capital disponíveis para o desenvolvimento do espírito do capitalismo”(WEBER, 1996: 44).

Para desenvolver um conceito histórico acerca do espírito do capitalismo WEBER vai buscar, na experiência da prática cotidiana, construir ou descobrir o que denominou espírito do capitalismo na sua complexidade, isto é, combinação do desenvolvimento do capitalismo e do espírito religioso do homem.

Assim, WEBER passa a trabalhar com as seguintes idéias:

– idéia de acumulação na qual destaca:

lembra-te de que tempo é dinheiro;

lembra-te de que o crédito é dinheiro;

lembra-te de que o dinheiro é de natureza prolífera, procriativa;

lembra-te o bom pagador é dono da bolsa alheia. (ibid p.30);

– idéia de poupança, cita:

“Guarda-te de pensar que tens tudo o que possuis e de viver com isto. Este é um erro em que caem muitos que têm crédito (...)”

“Por seis libras anuais poderás ter o uso de cem libras, uma vez que sejas um homem de conhecida prudência e honestidade.”

“Aquele que gasta inutilmente um “groat” por dia, desperdiça mais de seis libras por ano, que é o preço do uso de cem libras (...)”(ibid p.30,31)

Na expressão “eles arrancam sebo do gado e dinheiro dos homens”, a peculiaridade desta filosofia da avareza parece ser o ideal com relação ao aumento de seu capital, que é tomado como um fim em si mesmo. Trata-se no entanto de “uma ética peculiar, cuja infração não é tratada como uma tolice, mas como um esquecimento do dever.

O que está aqui preconizado não é um bom senso mas um **ethos**.

O espírito do capitalismo é visto num sentido moderno – portanto diferente do que houve na China, na Índia, na Babilônia, na Antigüidade Clássica e na Idade Média. Em todas elas faltava este **ethos particular** (Cf. ibid p. 31-32).

A Ética de Benjamim Franklin: ganhar dinheiro dentro da ordem econômica moderna é, enquanto for legalmente, o resultado e a expressão de virtude e de eficiência em uma vocação e estas virtudes e eficiência são o **alfa** e o **ômega** da ética de Franklin.

Esta idéia é a mais característica ética social da cultura capitalista (vocação – profissão), como já frisamos anteriormente.

O capitalismo, guiando a liderança da vida econômica (...) escolhe os empreendimentos e trabalhadores de que tiver necessidade (ibid p. 34)

O Espírito do Capitalismo – sentido de vida normativo baseado e revestido de uma ética – teve de lutar por uma supremacia contra o mundo de forças hostis e a expansão do capitalismo deve-se ao desenvolvimento do espírito do capitalismo.

Neste processo do “empreendedor capitalista, não mantém relação alguma com esta ostentação ora grosseira, ora refinada. Evita a ostentação e as despesas desnecessárias, assim como o gozo consciente de seu poder ...” (Cf ibid p. 35-47 passim).

A questão religiosa, conforme a análise weberiana não pode ser tomada isoladamente. Ao contrário faz parte da ação social e se explica no contexto do desenvolvimento das sociedades humanas. Como parte de um contexto de organização social político e econômica, não só colabora mas também sofre os reflexos da secularização. No capitalismo os vínculos com a Religião se romperam em favor dos interesses mundanos de tal sorte que, segundo WEBER, “aprisiona toda a sociedade, da qual o espírito religioso desapareceu, talvez para sempre” WEBER apud (MARTELLI, 1995:80).

Nesta direção, a compreensão marxiana e gramsciana do fenômeno religioso fortalece a idéia da religião sem deus. O leigo passa a ocupar o lugar do sagrado divinizado e a religiosidade acentua os conflitos ideológicos na estrutura classista da sociedade.

1.3. Religião – abordagem marxiana

A crítica à religião desenvolvida por MARX é marcada, em primeiro momento, pelas influências de Feuerbach ao conceber a religião como projeção do homem e de BAUER (apud ASSMANN, 1974:15), para quem “o cristianismo é um momento da consciência universal: a consciência infeliz dos escravos na época da decadência do império romano”.

Considerando que a teoria psicológica do conhecimento esboçada pelos pensadores ingleses e franceses tenha antecipado aos alemães, na discussão quanto à crítica à religião, reconhece que é definitiva a crítica que se discute neste país, ou seja, é o homem quem fábrica a religião e não o reverso.

A crítica que faz acerca da consciência religiosa, foge da abstração e centra-se na idéia da consciência religiosa concreta. Religião e política fazem parte de um mesmo processo de emancipação em que para MARX (apud ASSMANN, 1974: 19-20) a “emancipação política é emancipação da tutela religiosa” .Sendo assim, “a emancipação política é incapaz de produzir emancipação real, isto é, emancipação humana, porque a emancipação humana exige uma superação da discriminação religiosa de uma forma radical”.

Neste encaminhamento a questão da religião transporta-se ao plano das relações políticas do Estado visto como superestrutura. A religião sintetiza, desta forma, os interesses hegemônicos, burgueses. Neste sentido a religião é entendida como ‘ideologia’.

É a partir da elaboração marxiana: “Para a crítica da economia política”, e, o “Capital”, volume I, que se incorpora à religião a visão de fetichismo. Idéia que nasceu com a dupla face da mercadoria compreendida na relação valor de uso e valor de troca, decorrentes do processo produtivo.

Situada no contexto da sociedade capitalista “a religião é vista como produto e, ao mesmo tempo, como causa da alienação.” (MARTELLI, 1995:42)

A superação da religião: “ópio do povo”, será possível com o advento da sociedade sem classe. Temos presente, então a concepção da irrecuperabilidade da Religião: ‘uma consciência do mundo às avessas, (...) sua lógica em forma popular, (...) a realização fantasiada da essência humana, porque a essência humana não tem verdadeira realidade. A luta contra a Religião é, portanto, mediatemente, a luta contra aquele mundo do qual a Religião é a quinta essência espiritual. A miséria religiosa é, por um lado, a expressão da miséria real e, por outro, o protesto contra a miséria religiosa. A Religião é o suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo desapiedado, como é o espírito de uma condição privada de espírito. Ela é o ópio do povo (...) A crítica da religião é, assim em germe, a crítica do vale de lágrimas, do qual a religião é o nimbo.’ (MARX, “Para a crítica da Filosofia do direito de Hegel” apud MARTELLI, 1995:46)

A crítica marxiana à Religião se constitui num desafio à medida que rompe com as análises desenvolvidas até então, ocupando-se de dar à questão uma dimensão nova. Supera a leitura de cunho puramente ideológico. Acompanhando a trajetória do pensamento religioso, desde as formações pré-capitalistas que MARX apura a sua crítica à Religião para além de uma compreensão circunscrita no âmbito clerical da Igreja vista institucionalmente.

A crítica à Religião abre espaço à discussão da religião sem Deus, à Religião secular.

1.4. Concepção gramsciana da religião

A análise gramsciana acerca do fenômeno religioso, diferentemente, de estudos já realizados, trata a questão religiosa sob o ponto de vista positivo. Não especula sobre a religião enquanto concepção do mundo. Mas, sobretudo, pela norma de conduta prática que corresponde a cada religião (Cf PORTELLI, 1984:31).

A discussão sobre a questão religiosa centra-se no cristianismo e catolicismo. Todavia, sua reflexão inicial, que tomou por base o cristianismo primitivo, é substituída pela crítica ao cristianismo romanizado e ao catolicismo pós Reforma e Concílio Vaticano I. Deste modo, a religião é analisada como forma particular de ideologia (PORTELLI, 1984:33).

A definição de religião que GRAMSCI apresenta supõe as concepções:

- Confessional baseada na crença em divindade ou divindades pessoais transcendentais, sentimento de dependência aos seres superiores e à presença do culto dos homens aos seus deuses;

- Leiga entendida como “concepção da realidade com uma moral adequada (...), apresentada em forma mitológica”, ou seja, “concepção do mundo enquanto fé” (PORTELLI, 1984:23). Vale ressaltar que GRAMSCI toma o termo Fé não no sentido confessional, mas no laico. E problematiza: por quê então não tratar à unidade de fé entre uma concepção de mundo e uma norma de conduta adequada a ela como ideologia ou como política? (GRAMSCI, 1986 a:212)

GRAMSCI então considera que a religião não é um conjunto ideológico homogêneo, mas subdividido:

Toda religião, inclusive a católica (...), é na realidade uma multidão de religiões distintas, frequentemente contraditórias: há um catolicismo dos camponeses, um catolicismo dos pequenos burgueses e dos operários urbanos, um catolicismo das mulheres e um catolicismo dos intelectuais (...) (GRAMSCI, 1986a: 144).

Assim, GRAMSCI identifica uma “religião do povo, particularmente nos países católicos e ortodoxos, muito diversa da religião dos intelectuais (que são religiosos) e muito diversa, especialmente daquela organicamente sistematizada pela hierarquia eclesiástica”. (GRAMSCI, 1986 b: 185)

O estudo da religião popular segue a definição de religião ‘ópio do povo’. No entanto, GRAMSCI pontua que a religião é qualificada de opiácea no sentido de desencadear atitudes passiva e conservadora. Assim, alude ao cristianismo jesuitizado. Refere-se, portanto, ao momento da superação da concepção do mundo. Neste caso, não só a religião se torna “inútil”, mas também o pensamento social, os sindicatos, a política e em decorrência desta o partido.

O sentido opiáceo resulta da norma de conduta prática. “A religião não é automaticamente o ‘ópio do povo’: ela se torna tal quando, superada por uma concepção superior do mundo, impede toda a evolução.” (PORTELLI, 1984:31).

Deste ponto de vista, a religião pode exercer também um papel oposto. No caso do cristianismo primitivo este “aparece (...) inicialmente como um movimento ideológico e político dos povos oprimidos e das classes subalternas.”(PORTELLI, 1986:52). A ideologia decorrente alimenta as classes subalternas e pode desempenhar um papel progressivo fornecendo a estes grupos sociais uma base ideológica para uma ação prática positiva.

GRAMSCI alerta sobre a necessidade da religião. Para ele constitui erro “considerar toda ideologia religiosa como necessária. Pontua que “a religião é apreciada em função de seu conteúdo e não tanto da atitude prática que ela encerra.” (Grifo do autor. PORTELLI, 1986: 32)

A análise da religião, feita por GRAMSCI, apóia-se no conceito que ele desenvolveu acerca do Estado. Para ele o Estado “é constituído pelo conjunto da sociedade civil mais sociedade política que têm a função de ‘dominação direta’ ou de comando que se exprime no governo jurídico e os aparelhos ideológicos correspondentes e a função hegemônica e os aparelhos ideológicos correspondentes, “dos quais”, “a Igreja católica representa todos os aspectos da sociedade civil: por um lado, a ideologia disseminada e adaptada a todo o corpo social; por outro lado, as organizações e os canais de difusão dessa

ideologia”. (PORTELLI, 1986:35-36, do mesmo autor “GRAMSCI e o Bloco Histórico”(1977) Passim p. 28-33;36-37;40-42).

A religião tem, pois, em GRAMSCI o sentido de ideologia (concepção do mundo, que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações de vida individuais e coletivas). (Cf. GRAMSCI, 1986 a: 16).

Esta concepção encaminha ao conceito da religião em sentido laico, secularizado. Desprovida da presença ou da necessidade do divino. O sagrado divinizado (sentido transcendente) é substituído pelo sentimento nacional, como se expressa: “*A religião popular que substitui o catolicismo (ou melhor que se combinou com ele) foi a do ‘patriotismo’ e do nacionalismo*” (GRAMSCI, 1986 a:232).

O nacionalismo se opõe à religião católica na medida em que atrai para si a massa dos fiéis representada pelas camadas subalternas. Na análise que GRAMSCI faz acerca do desdobramento do termo patriota que na Revolução Francesa assumiu o significado de liberal e que foi posteriormente substituído por republicano, fica patente: “*o nacionalismo é o meio de atrair para a ideologia dominante as massas populares, um fanatismo leigo (...). O nacionalismo é o meio ideológico que depende antes da psicologia das massas e não o fim*” (Grifos do autor. PORTELLI, 1986:183). Neste sentido, quer enquanto uma ideologia burguesa, o liberalismo ou pequeno-burguesa, fascismo, o nacionalismo dá-lhe seu caráter popular. Nisto, o nacionalismo não é uma ideologia das classes subalternas, mas o meio pelo qual a classe dirigente transforma sua ideologia em religião popular.” (PORTELLI, 1986: 185-6).

Além do movimento pancristão dos protestantes (espécie de federação das diversas seitas cristãs, com igualdade de direitos) que “abala o monopólio e coloca Roma diante de uma frente única” (PORTELLI, 1986:178), a maçonaria se constitui em ameaça para

a Igreja na medida em que se torna uma das forças mais eficientes do Estado, na sociedade civil para conter as pretensões e os perigos do clericalismo.” (PORTELLI, 1986:179).

É, no entanto, face ao surgimento de organização do tipo Rotary Club que se acirra, mais ainda, o perigo ou a ameaça à Igreja católica. Por um lado, o agnosticismo rotariano relega o catolicismo ao mesmo nível das outras ideologias e sua expansão pode colocar a Igreja como sua dependente, fato verificado no protestantismo (PORTELLI, 1986: 181). Por outro, a Igreja não pode reagir contra esta forma de organização que representa a classe dirigente da qual é aliada. “A Igreja quer evitar, de um lado uma condenação que a afastaria mais da classe dirigente e de seus intelectuais e, de outro, encontra-se em posição subalterna face a organização. (PORTELLI, 1984: 181).

Esta é uma posição incômoda para a Igreja. O Rotary Club não pretendendo e ser confessional, pode agregar tanto maçons quanto protestantes ou mesmo católicos. Assim colocada parece que não há saída para a Igreja. Porém, mesmo tendo enfraquecido o seu poder, enquanto força eclesial política, com respeito ao Vaticano, a Igreja consegue manter em convívio o pluralismo e conviver com os conflitos e contradições do capitalismo, sem abrir mão do seu projeto.

Parece que a análise crítica de GRAMSCI, acerca da religião, e da religião popular, não previu o desdobramento pós-Concílio Vaticano II. Suas considerações centraram-se no poder da Igreja aliada à aristocracia, quando na República a Igreja se reajeita: ao mesmo tempo que alia-se às classes hegemônicas e desenvolve seu projeto de educação religiosa, faz a opção pelos pobres. A força de expressão do poder hierárquico da Igreja se mantém na sua estrutura interna. Porém a previsão gramsciana de Igreja parálitica, é substituída pela ação (dinamismo) do movimento leigo em expansão, que mesmo submetido à obediência e disciplina conquista espaços internos e mantém acesa a chama da luta da Igreja na sociedade.

Sem contar também com a Renovação Carismática Católica que assume contornos de novas adesões quer das classes hegemônicas quer das subalternas.

A leitura acerca do fenômeno religioso encaminha à discussão acerca da relação de poder que em WEBER é também analisado enquanto carisma puro ou carisma de ofício, identificados nos tipos carismáticos confirmados nas lideranças carismáticas. Esta reflexão faz parte desta leitura, neste texto, a seguir.

CAPÍTULO 2 - CARISMA E LIDERANÇA CARISMÁTICA

2.1. Conceito

Chamou-nos a atenção a evocação dos carismas, enquanto um dom próprio de pessoas qualificadas em certas especificidades e que se incorporou nos espaços culturais, especialmente destacados nos meios mais urbanizados e midiáticos como um traço próprio de algumas pessoas em determinadas categorias profissionais ou cargos de destaque na burocracia, nos meios sociais, políticos e eclesiais.

O texto bíblico (At 2,1; A Bíblia de Jerusalém: 2048) destaca o carisma na força do Espírito Santo de Deus, entre as comunidades cristãs. Mas certamente os carismas podem se manifestar também em outras circunstâncias. Onde buscar a relação entre o carisma e outras instâncias não religiosas? Ou será o carisma unicamente um Dom espiritual divino?

Pareceu-nos oportuno tentar desenvolver uma leitura que nos conduzisse, do ponto de vista da sociologia da Religião, a uma compreensão do conceito e de suas imbricações contextuais. A leitura que segue pauta-se, fundamentalmente, nos textos de WEBER (1997), apoiando-se também em outras reflexões como em BERGER (apud Hill, 1976), na apresentação feita por HILL (1976).

Nossa leitura funda-se em dois momentos:

Primeiro uma consulta aos textos de WEBER, ainda que por meios de traduções nas línguas Portuguesa e Espanhola e a segunda, já uma compreensão centrada na análise apresentada por HILL e que nos pareceu uma discussão que contribuiu para ampliação acerca do entendimento do carisma na visão sociológica e ainda a recorrência a SANTRIDIÁN e a Bíblia de Jerusalém para situar, especialmente, o termo profeta.

Assim, apresentaremos a seguir os focos da leitura que desencadeia, conforme entendemos, a compreensão do conceito em estudo.

O termo carisma, empregado no cristianismo primitivo, apóia-se nos textos de São Paulo: At 2, 1; Rm 12,7; I Cor 12, 4 – 11; 28 (A Bíblia de Jerusalém, 1995: 2048, 2140; 2163) deriva do grego charisma: Dom da graça.. Coube a SOHM ressaltar “a peculiaridade sociológica desta categoria de estrutura do domínio para o caso específico do desenvolvimento histórico da Igreja cristã em seus primórdios”. WEBER (1982:284) introduziu o termo na Sociologia para especificar “um dom pura e simplesmente vinculado ao objeto ou à pessoa que por natureza o possui e que por nada pode ser adquirido”. (Weber, 1991: 280).

WEBER vai buscar o sentido do carisma a partir do estudo do poder de força que se apresenta em determinados sujeitos. Identifica em certas comunidades, entre aqueles que atuam de um modo-mágico, a existência de uma maior ou menor cotidianidade dos fenômenos. A exemplo: não é qualquer pedra que se pode utilizar como fetiche; nem toda pessoa tem a faculdade de se colocar em transe e por conseguinte operar efeitos de ordem meteorológica, terapêutica, adivinhatória ou telepática” como as forças chamadas mana, orenda, maga. A estas forças denomina-se “carisma”. Neste sentido o carisma significa “um dom que o objeto ou a pessoa possui pela natureza e que não se pode alcançar por nada. Em nada e em ninguém pode-se desenvolver as faculdades carismáticas se não existem em germen que permanece oculto até que se desperta o carisma. O carisma mágico possuído pelos homens é inerente a alguns especialmente qualificados. (Cf. WEBER, 1997: 328 ss).

WEBER faz uma distinção entre o carisma pessoal, mais relacionado aos aspectos emocionais, e o carisma de ofício mais racional.

Mesmo tendo situado o conceito de carisma advindo do cristianismo primitivo e neste sentido o “dom” implica uma relação de gratuidade, de revelação divina WEBER inclui o caráter carismático como um dos tipos de dominação legítima supondo ordenações criadas e não apenas reveladas. Subordinada a validade do carisma ao reconhecimento nascido da revelação, reverência do herói, da confiança no chefe por parte dos dominados. O chamado carisma puro constitui uma vocação como “missão” ou tarefa íntima. Mas deixa claro que o carisma não renuncia sempre à propriedade e ao lucro, como ocorreu entre os profetas e discípulos. Deste modo, o herói militar e seu séquito assim como o chefe carismático de partido buscam meios materiais para o seu poder a fim de estabelecer dominação e prestígio. Estas forças aliadas aos interesses de lucro e “ingressos”, na perspectiva da economia racional, se tornam forças típicas da antieconomia, uma vez que neste caso, as formas típicas de cobertura de necessidade de caráter carismático são, de um lado as mercenárias de grande estilo: dominações, fundações, suborno, propinas de importância e as mendicantes e de outro lado a extorsão violenta ou pacífica. O viver de rendas, como forma de estar revelado de toda a gestão econômica, pode ser – em muitos casos – o fundamento econômico de existências carismáticas. Não se aplica isto aos revolucionários carismáticos normais (WEBER, 1997: 172,194-6).

“Por carisma deve entender-se a qualidade que passa por extraordinária (...), de uma personalidade que se considera em posição de forças sobrenaturais ou sobrehumanas (sejam: profetas, feiticeiros, árbitros, chefes de cárcere ou caudilhos militares)” (op. Cit. P. 193).

“Em oposição à organização oficial burocrática a estrutura carismática não apresenta nenhum procedimento ordenado (...) para a nomeação ou sustentação; não conhece carreira, nenhum ‘ascenso’, nenhum salário, nenhuma formação profissional do

portador de carisma ou de seus ajudantes, nenhuma autoridade a qual se pode apelar (...). O carisma conhece somente determinações internas e limites próprios. O portador do carisma abraça o encargo que lhe foi atribuído e exige obediência e adesão em virtude de sua missão". (WEBER, 1997:848).

O estudo do carisma desenvolvido por WEBER apresenta íntima relação com as forças de poder do ponto de vista temporal, como o carisma de ofício ou no plano espiritual – o carisma pessoal que se apresenta mais afeito à profecia no sentido do anúncio divino e se revela como poder de força espiritual. Torna-se mais solto e leve, mais libertário uma vez que não se submete às pressões materiais pois o sentido escatológico da profecia acena para esperança na divindade o que sublima o profeta. Assim foi com o Nabî Jesus Cristo, Emanuel para os cristãos, como também outros como Buda para os orientais. Já o carisma de ofício tem imbricações políticas afetas ao plano da existência material, concreta das relações humanas. Um ponto no entanto há em comum: a adesão dos seguidores. Talvez resida aqui a origem e a sustentação do carisma, mesmo admitindo ser o carisma um dom que não é comum a qualquer pessoa. É preciso que o carisma seja aceito.

2.2. Contribuição à discussão sobre o carisma

HILL (1979) faz um estudo sobre o carisma, tendo como base o pensamento de WEBER e de outros autores; dentre eles DAVIES.

Segundo HILL(1976), DAVIES afirma que há três tipos de crises que sinalizam ou determinam o desabrochar do carisma:

1. os sentimentos de insegurança ou angústia em relação às necessidades básicas;
2. a frustração de expectativas diante de situação, previsível e a persistência de conflitos sem solução entre forças internas ou externas.

HILL (1976) afirma que ainda que para WEBER em momentos de desastre psíquico, físico, econômico, ético, religioso ou político que os chefes natos têm-se mostrado possuidores de dons especiais de corpo e espírito, dons que se tem por sobrenaturais, não ao alcance de qualquer um e, a propósito da devoção que se mostra ao chefe carismático: “é uma devoção que brota da desgraça e do entusiasmo”. (HILL, 1976:206).

Outro traço que caracteriza a pretensão de legitimidade carismática é uma demonstração de estar possuído por forças sobrenaturais. Segundo HILL, WEBER ao estudar os dons carismáticos, menciona a importância dos transe e arrebatamentos como prova da possessão sobrenatural. Observa-se que durante muito tempo “se tem afirmado que o arrebatamento frenético pode produzir-se artificialmente por uma intoxicação”, e que “o êxtase xamânico está relacionado com a epilepsia constitucional, cuja possessão e demonstração representam uma qualificação carismática.” (HILL, 1976: 207). Em outra circunstância a epilepsia pode ser considerada uma enfermidade que necessita de tratamento. Assim o mais importante é a qualificação dada pelos interessados a uma determinada situação não sua valorização externa com a qual a sociologia não se ocupa. Afirma ainda HILL que a leitura de WEBER no entanto dá um passo além: a concepção individualista ao definir o conceito de carisma como um traço de certa personalidade. Carisma passa a ser entendido como uma qualidade que se julga extraordinária. Assim brota o conceito sociológico de carisma. WEBER, descobriu o arquétipo do dirigente carismático ao estudar o movimento profético do antigo Israel. E a investigação de BERGER analisa a condição não institucional dos profetas pré-exílicos e apresenta o conhecimento do posto que corresponde o carisma na formação autônoma das idéias religiosas.

O estudo desenvolvido por WEBER (Cf. Apud HILL, 1976:210-1) acerca do nebiismo, presente no antigo testamento aponta uma profecia de guerra: os profetas israelistas formam bandos de guerreiros que proclamam a guerra santa de Yahvé contra os cananeos.

Com a desmilitarização do povo e o desenvolvimento de uma organização militar permanente sob o comando do monarca, este tipo de profecia caiu em desuso. A partir do século IX a.C. surgiu um novo tipo de profecia caracterizada não pelo êxtase como fonte de inspiração dando lugar à formação de uma casta de intelectuais formada por grupos de ideólogos políticos e militares que chegam a ser considerados como grupo de oposição a estrutura institucional e oficial da monarquia e o sacerdócio.

Para WEBER a independência dos profetas não está vinculada à mensagem dentro do contexto social. A independência significou uma causa importante na sua maneira de comportar-se. Sua mensagem era gratuita pelo fato de não estarem socialmente comprometidos: *'ninguém paga para receber maus augúrios nem se expõe a recebê-los!'* (WEBER apud HILL, 1976:211). Diante disso, WEBER situou socialmente a profecia à margem do contexto institucional.

BERGER (apud HILL, 1976), no entanto adverte para o problema apontado pela investigação histórica acerca da exigência de vínculos mais estreitos entre os profetas e as instituições religiosas oficiais. Este estudo admite a existência de uma reorientação na profecia israelita, por volta do século VIII a.C., através da qual se desenvolve a idéia de que os profetas se opunham aos sacerdotes, sugerindo que os profetas apareçam como protoprotestantes. BERGER, acerca desta dicotomia profetas/sacerdotes, acena para a exposição de JEPSEN (apud HILL, 1976: 211-2) acerca dos profetas canônicos, quando argumenta: *'todo profissional, todo aquele que pretende fazer de Deus uma possessão e pretende dispor dele é alheio aos profetas canônicos (...). Eles não podem dispor de Deus, mas que Deus dispõe deles. Sua predicação, por conseguinte, nunca pode converter-se em uma profecia.'* Para BERGER as últimas palavras do texto: *"por conseguinte"*, expressa claramente o raciocínio sociológico, pois vem anunciar que a situação social dos profetas se deduz do conteúdo de sua mensagem religiosa. Adverte também para a incorporação do nebiismo às

instituições religiosas oficiais uma vez que estas continham dois elementos: um ‘sacramental’ - dirigido à divindade em favor do povo que qualificava as funções sacerdotais e outro sacrificial, que incluía os atos dirigidos ao povo em nome da divindade, que correspondia à profecia. Discorda ainda BERGER da expressão ‘carisma de ofício’ empregado por WEBER sugerindo em lugar desta: ofício carismático.

A estes questionamentos, HILL assim se coloca: creio que não há razões para estabelecer diferenças entre o ministério carismático dos profetas críticos e a noção weberiana de carisma de ofício como adverte BERGER, mas sim pela “rotinização”, conforme a conceituação weberiana e a “domesticação” de BERGER, entendemos não uma ‘extinção’ de traços carismáticos originalmente pessoais, mas sua incorporação, em forma latente, a uma situação institucional, de tal maneira que podem constituir em todo o momento o ponto de partida para a articulação de novas obrigações. (HILL, 1976: 210ss). É relevante na obra de Weber que as idéias, especialmente as idéias religiosas, sejam dotadas, até certo ponto de uma eficácia histórica, própria e que não podem ser tomadas como meros ‘reflexos’ das relações sociais e econômicas subjacentes. Uma ‘eclosão’ carismática representa a *‘irrupção repentina de forças absolutamente novas na história, freqüentemente ligadas a umas idéias também absolutamente novas’*. (cf. HILL op. cit. p. 214).

Este é um dado em que BERGER aponta para o processo da crise ilustrado no caso dos profetas israelitas que radicalizam sua profecia ao proclamar a idéia de que Yahvé podia abandonar o seu povo e confirma a idéia de que o carisma possui um caráter inovador. Assim, segundo WEBER as idéias contidas na mensagem carismática são os fatores decisivos que induzem às mudanças (trocas) em um processo histórico. (cf. HILL op. cit. p. 215).

Ao tratar da rotinização WEBER chama a atenção sobre a questão da cotidianidade – *“a autoridade carismática surge como algo ‘desusado’, e é, por conseguinte, precária, já que não é possível viver muito tempo ‘fora da cotidianidade’*

(WEBER apud HILL, 1976:215; WEBER, 1982:72), o que requer um retorno à existência cotidiana. Para que o dirigente carismático exerça alguma influência histórica é necessário o apoio de um grupo carismático de base como forma de sustentação (do dirigente). Este constitui um traço típico. Desta forma as idéias adquirem importância histórica, afirma WEBER.

Neste sentido o movimento carismático católico apóia-se, institucionalmente, nos bispos e nos padres e freiras que aderiram ao movimento. Na sua estrutura centrada e fortalecida pela hierarquia clerical, os postos de comando, como coordenações, por exemplo, ficam sob o controle dos leigos carismáticos autorizados pela cúpula da Igreja e permanecem neles por longo tempo, o que sugere a rotinização burocrática (Cf. Capítulo 4 a seguir).

Outra questão levantada por WEBER diz respeito à sucessão do chefe carismático original. WEBER enumera seis maneiras de se realizar tal tarefa:

- 1 – Busca organizada de outro portador do carisma (Ex.: Dalai Lama do Tibet);
- 2 – Recorrência aos oráculos;
- 3 – Designação do sucessor pelo dirigente carismático, com aceitação da comunidade (Ex.: nomeação de Pedro por Jesus).
- 4 – Eleição do sucessor pelo grupo íntimo do chefe;
- 5 – Carisma hereditário – descendência natural;
- 6 – Transmissão por meios mágicos ou religiosos (Ex.: cerimônia de coroação).

O carisma torna-se hoje um elemento das discussões que se desenvolvem especialmente, no campo das religiões cristãs, muito embora seja ainda fonte de especulação nos diversos campos profissionais. O que nos sugere que sendo o carisma um termo que nasce, explicitamente, no campo religioso tem também, compreensões mais objetivas em outras áreas onde se apresentam as diversas lideranças.

2.3. Tipos Carismáticos

Carisma usado por WEBER com o significado de ‘dom da graça’, tem o sentido de caracterizar o líder auto-indicado seguido pelos que se encontram em desgraça e acreditam ser o líder extraordinariamente dotado (Cf. WEBER, 1982:70).

WEBER distingue como tipos carismáticos o mago, o sacerdote e o profeta.

Estes tipos apresentam-se como dotados de poder que exercem frente aos seus seguidores. “A concepção dos poderes ‘supra-sensível’ como deuses, e até como um deus supramundano não elimina de nenhum modo as velhas representações mágicas (nem sequer no cristianismo)” (WEBER, 1997:343).

Os tipos carismáticos anunciados por WEBER têm poder. Entendido na medida em que “um poder concebido de algum modo, por analogia com o homem ‘animado’, pode o mesmo que a ‘força’ natural de um espírito¹, ser forçado a por-se ao serviço dos homens.” (WEBER, 1997: 343) Deste modo, “quem possui o carisma, quem pode utilizar os meios adequados, é mais forte que o deus e pode obrigá-lo segundo sua vontade.” (WEBER, 1997: 343)

Analisando desta forma “a ação religiosa não é um ‘serviço divino’, culto, mas ‘coerção divina’; a invocação ao deus não é uma prece porém uma fórmula mágica: um fundamento inseparável da religiosidade popular (...) inclusive o sacerdote católico pratica (...) algo deste poder mágico na transubstanciação da missa ou na absolvição dos pecados.” (op. cit. p. 343) No entanto, do ponto de vista da racionalidade religiosa, na visão weberiana, Deus se converte em um grande Senhor ao qual tem-se que procurar não regras mágicas coercitivas, mas com súplicas e dons na medida em que “o progresso das idéias acerca do poder de um deus e de seu caráter como senhor pessoal, condiciona (...) o predomínio

crescente dos motivos não mágicos.” (op. cit. p. 344). Se de um lado há o desenvolvimento de uma racionalidade que amplia o conceito de Deus e das relações do homem com o divino, por outro lado há uma irracionalidade da conduta religiosa que “busca cada vez menos, paralelamente com a racionalização do pensar, vantagens puramente externas da vida econômica cotidiana.” (op. cit. p. 344). Mesmo assim o ritual religioso contém, quase sempre, elementos mágicos. Uma descrição dos tipos ideais de WEBER, seja, talvez, possível deixar claras as relações e suas implicações face ao conceito de carisma visto como poder.

2.3.1. O mago e o sacerdote

Portador de dom pessoal o mago é tido como adivinho quer na revelação dos oráculos ou na inspiração dos sonhos. O conteúdo de sua missão consiste na magia.

O mago é o homem de permanente qualificação carismática, em oposição ao homem comum, ao ‘leigo’. Possui o carisma ‘mágico’ inerente a alguns homens especialmente qualificados, considerado o mais antigo de todos os ofícios o do mago, do bruxo ou do feiticeiro profissional. (Cf. WEBER, 1997:329).

Do ponto de vista do culto e da magia, o sacerdote se opõe ao mago. Este, por meios mágicos, exerce coerção sobre os ‘demônios’, os invoca. Enquanto que o sacerdote influi nos ‘deuses’ mediante a adoração, veneração.

O sacerdote, membro de uma organização socializada de salvação, é entendido como autoridade que está a serviço da tradição santa. Graças ao seu cargo distribui os bens de salvação. Sua função pode estar vinculada ao carisma pessoal. É um funcionário de uma

¹ Espírito não é alma, nem demônio, nem sequer um deus, mas algo indefinido: material e mesmo assim invisível, impessoal. Mas com uma espécie de vontade (...) O espírito pode ser santo ou impuro” (WEBER, 1997: 329, 340, 348, 349, 351).

empresa permanente, regular e organizada com vistas à influência aos deuses, em oposição aos serviços dos magos.

O sacerdote busca sistematicamente assegurar o domínio do sagrado, manter a doutrina tradicional que venceu aos ataques dos profetas e assenta a nova doutrina professada. Faz a interpretação da doutrina mediante dogmas.

Não é fácil distinguir o sacerdote do mago o que, segundo WEBER (1997:346-7), deve buscar-se, qualitativamente na diferença geral do seu saber. E acrescenta: a melhor maneira ‘será considerar o círculo especial de pessoas vinculadas a um culto regular, com normas, tempo e lugar e uma comunidade determinados. E afirma ainda: “não há sacerdote sem culto” (WEBER, 1997:346). Já no caso dos magos o culto não é contínuo. WEBER esclarece, também, que no culto sem sacerdote, a exemplo os órgãos do estado e o pater familiae que cuidam do culto aos deuses, reconhecidos oficialmente e do culto aos espírito dos antepassados e os magos embora tenham forte poder em suas mãos e suas festas ocupam lugar central na vida do povo, falta o culto contínuo; falta uma racionalização das concepções metafísicas e uma ética religiosa. Mas nem todo sacerdote desenvolveu uma metafísica racional e uma ética religiosa, o que poderia considerar-se novo frente à magia. Isto supõe a intervenção de poderes extra-sacerdotais. De uma parte o portador das revelações metafísicas ou ético-religiosas: o profeta. De outra parte cooperação dos adeptos não sacerdotais de um culto: os leigos.

Quanto ao profeta WEBER (1997:370) faz uma distinção entre sacerdote e profeta que implica uma relação de valor e conteúdo:

“O profeta é um sistematizador no sentido da unificação da relação do homem com o mundo a partir de posições últimas de valor. A classe sacerdotal sistematiza o conteúdo da profecia ou das tradições sagradas no sentido de uma articulação e adaptação casuístico-

racional aos modos de pensar e de viver de sua própria camada e dos leigos por ela dominados.” (Ibidem, ibid p. 370).

Em síntese, a diferença que sinaliza o sacerdote reside no culto, na doutrina e no dogma. O sacerdote se coloca como autoridade ligada a uma empresa organizada. Seu papel é o de estabelecer a doutrina que seja tradicional ou nova desde que venceu aos desafios do profeta.

A ‘vocação pessoal’ separa o profeta do sacerdote. Este reclama autoridade por estar a serviço de uma tradição santa, enquanto o profeta se apóia na revelação pessoal ou na lei. Em contraposição ao profeta o sacerdote distribui os bens de salvação graças ao seu cargo. (Cf. WEBER 1997: 356).

2.3.2. O profeta

Para SANTIDRIÁN (1996:397), o profeta não é uma pessoa cuja função consiste em predizer o futuro, mas segundo a origem do hebraico, designa um homem que fala abertamente para proclamar o que Deus diz.

WEBER (1991:303) considera o profeta aquele portador de um carisma puramente pessoal, o qual; em virtude de sua missão anuncia uma doutrina religiosa ou um mandado divino. Distingue três tipos de profetas: o mistagogo, o profeta ético e o exemplar.

SICRE (1996:74) levanta a questão da terminologia e esclarece em nota: profetas é o que interpreta as vozes desconexas da Pítia no oráculo de Delfos. O que Zeus dá a conhecer a Apolo, e este transmite à Pítia, a sacerdotisa o expressa de forma não articulada. Disso decorre a necessidade de um intérprete, o ‘profeta’. Profethes (sic) é quem comunica, ou proclama, a mensagem da divindade aos homens”. E conclui: como esta mensagem se

referia muitas vezes ao futuro, profeta acabou significando quem ‘fala do futuro’, ‘aquele que prediz’.

Ainda do ponto de vista da terminologia, SICRE (1996: 45, 67, 74, 78, 81-92 passim) esclarece acerca da origem da tradição grega do termo profeta, e das designações de diferentes títulos: Samuel o vidente (**ró eb**) Natã profeta (**nabî**) e Gad o visionário (**hozeb**) e ainda a versão Homem de Deus (**îs elabîm**). O tema **nabî**, apesar da controvérsia existente em torno de sua aplicação num sentido duplo: sugere o uso de forma positiva ‘colocarei as minhas palavras em sua boca e ele lhes comunicará tudo o que eu lhes ordenar (Cf. Dt. 5; 18 in A Bíblia de Jerusalém p. 300); ou de modo negativo – há o perigo de que o nabî ‘tenha arrogância de dizer em meu nome de deuses estrangeiros’. Mesmo assim passou a ser o mais indicado na designação da tradução como profeta. Os textos bíblicos registram também a denominação: **benê nebî’im** com o significado de corporação de profetas e **nebî’ah** designado Maria contando a vitória do Senhor (Ex. 15, 20 in A Bíblia de Jerusalém p. 126-7).

O profeta é então aquele que anuncia uma velha revelação (real ou suposta) ou que no fundo aspire trazer uma nova revelação quer como “renovador” ou como “fundador” de religião. O que distingue ou confirma o profeta é, a “vocação pessoal”. (WEBER, 1997:356)

O profeta embora apresente traços comuns ao mágico e ao sacerdote, distingue-se na sua missão e carisma.

O profeta apóia-se na revelação pessoal ou na lei. O conteúdo de sua missão consiste na doutrina e no mandamento. Neste sentido difere do mago cuja missão consiste na magia. Para o profeta a revelação tem ligação com o ser divino, enquanto que o mago apoia-se nos oráculos ou inspiração em sonhos. Este desenvolve a terapêutica mágica

profissionalmente. Aquele desenvolve a profecia gratuitamente. Propaga a idéia pela idéia mesma e não para obter gratificação. Embora aceite a hospitalidade de seus fiéis, esta deve ser por pouco tempo, pois o profeta deve manter-se com seu trabalho. Segundo o Budismo “**o que não trabalha, que não coma**” – referência ao missionário. (Cf. WEBER, 1997:357).

A ação do mago tem também o caráter da instrução de leigos. A educação mágica inclui o noviciado e compreende provas de valor, tortura, graus de consagração e habilitação para a guerra (cf. WEBER: 1997, 369).

O sacerdote é revestido de autoridade e está a serviço da tradição santa. Sua função pode estar vinculada ao carisma pessoal. Membro de organização socializada de salvação o sacerdote, além de interpretar a doutrina mediante dogmas, contribui para assentar a nova doutrina ou para manter a doutrina tradicionalmente. Neste aspecto, o sacerdote colabora com o profeta que anuncia e dissemina a doutrina, a lei, a revelação divina. O sacerdote responde também pela instrução dos leigos, trabalho que antes era feito pelos magos. É neste sentido que a figura do sacerdote (papa, bispo, padre) será tomada como autoridade na burocracia da Igreja Institucional na leitura que fazemos acerca do carisma de ofício.

Existem magos de diversas tendências, isto é, praticam as diversas formas de magia. MAUSS (1974:127 – 135) ao analisar o fenômeno mágico sinaliza as representações mágicas: rito simpático, propriedade e a teoria demonológica. Em resumo as diversas explicações pelas quais poder-se-ia tentar motivar a crença nos atos mágicos, deixam um resíduo. É nele que fazem as razões profundas dessas crenças.

O novo elemento compreende de início a idéia de poder ou seja “potencialidade mágica” – a idéia de uma força da qual a força do mágico, a força do rito, a força do espírito apenas são expressões diferentes, segundo os elementos da magia.

Estas idéias de força e de ambiente escapam às categorias rígidas e abstratas da nossa linguagem e de nossa razão, como explicações aceitas, como explicação da crença.

“Nas religiões monoteístas-judaísmo, cristianismo, islamismo – a magia é considerada pecado de idolatria que diminui o poder e a sabedoria de Deus. O Antigo e o Novo Testamento, bem como o Alcorão proíbem e castigam a magia. No entanto, não chegam a erradicá-la totalmente”. (SANTIDRIÁN, 1996: 314).

Diferentemente do sacerdote, cuja ação está vinculada à hierarquia e portanto ao cargo, e do mágico que desenvolve a magia nas várias direções: magia branca (forças do bem), magia negra (forças do mal) e magia vermelha ou magia sexual (técnicas iniciáticas para descobrir energias sutis), o profeta atua no sentido de anunciar a palavra de Deus e se coloca em oposição a hierarquia – não entra no jogo do poder instituído.

O profeta é aquele que não se acovarda diante das imposições dos dominantes, uma vez que se coloca em favor da justiça.

Jesus com todos os poderes de sacerdote e rei, recupera a fonte da profecia em plena ação social. Retoma o profetismo camponês, especialmente se colocando do lado daqueles que tiveram o seu templo corrompido, invadido, tomadas suas terras, empobrecidos. Ele se torna entre os homens o PROFETA.

WEBER (1997:361 e ss) identifica três tipos de profetas; o mistagogo ministra salvação mágica, mas falta-lhe a doutrina ética. Reúne em torno de si uma comunidade

especial. Baseia-se em um carisma sacramental hereditário, firmando seu prestígio ao longo dos séculos. Os mistagogos deram plenos poderes aos seus discípulos e adquiriram posição hierárquica – Índia: Guru, China: taoísta e chefes de seitas secretas. Já o profeta exemplar difere da mistagogia, mesmo da segunda geração uma vez que o mistagogo procura sustentar-se economicamente de sua arte, além das razões já citadas anteriormente. Estas mesmas razões, sugerem a exclusão dos mistagogos da categoria de profeta. Restam dois tipos de profetas sendo um identificado como Buda que com seu próprio exemplo mostra aos outros o caminho da salvação. A este tipo WEBER denomina **profeta exemplar**. E um segundo, identificado por Zaratustra e Maomé representa **instrumento que anuncia** um deus e a vontade dele – uma pessoa que em virtude do encargo divino exige a obediência como dever ético, ou seja, a **profecia ética**.

O profeta exemplar está mais relacionado à profecia da Índia e em casos isolados da China (Lao tsé) e do Oriente Próximo. Já a profecia ética vincula-se a povos da região do Oriente Próximo e do Iran cuja concepção é de um deus ético, pessoal e supramundano, análoga à de um rei único, todo poderoso sobre a terra.

O profeta, em geral, está ligado a uma divindade e a sua ação consiste, portanto, no anúncio.

No sentido de anunciar a “boa notícia”, tomaremos o termo **profeta** enquanto mensageiro ou portador da palavra de Deus aos homens sem distinguir etnia, cultura, credo, situação social, política e econômica. O profeta é antes de tudo um divulgador do projeto de Deus para com os homens. Assim, entenderemos o termo profeta, considerando também que o chamado não é casual, mas providencial.

Assim, o carisma da profecia será visto não como instância particular de representação do sagrado, mas a qualquer pessoa que desenvolve o dom, seja ela leiga ou não.

2.4. Liderança carismática

A compreensão da liderança carismática parte da relação de poder que emana do sagrado, mas que foi desenvolvida também, do ponto de vista temporal, a partir das organizações institucionais das quais o Estado sintetiza o poder dominante, ou seja: “*é uma relação de homens dominando homens, relação mantida por meio da violência legítima. (...) O Estado é considerado como a única fonte do ‘direito’ de usar a violência.*” (WEBER, 1982:98).

Há três justificações básicas do domínio:

- a autoridade do ‘ontem eterno’, ou seja, dos mores santificados, do domínio tradicional exercido pelo patriarca e pelo príncipe patrimonial cuja orientação desencadeia o conformismo;
- a autoridade do dom da graça (carisma) extraordinário e pessoal, Domínio carismático exercido pelo profeta (relação com o sagrado, divino) ou pelo senhor da guerra eleito, pelo governador plebiscitário, o grande demagogo ou o líder político. Trata-se, portanto, de uma liderança individual que responde pela confiança na revelação ou no heroísmo e tem uma dedicação absolutamente pessoal (Cf. ibidem p. 99);
- e por fim, a autoridade com base na ‘legalidade’, isto é, o domínio em virtude da fé na validade do estatuto legal e da ‘competência’ funcional, centrada em regras racionalmente estabelecidas. Disto decorre a obediência no cumprimento das obrigações estatutárias. Este domínio é exercido pelo moderno ‘servidor do Estado’ e por todos os portadores do poder que, a ele se assemelham (Cf. WEBER, 1982:99).

A obediência é determinada pelo medo (da vingança dos poderes mágicos do detentor do poder) ou pela esperança (recompensa neste ou no outro mundo) ou ainda pelos diversos interesses.

Conforme o que dispõe as orientações do “Projeto Universidades Renovadas – Sec. Lucas” (2000) a autoridade dos membros da RCC e das lideranças que assumem postos de direção / coordenação ocorrem sob rígida obediência hierárquica. “Como líderes da RCC, uma de suas primeiras tarefas é a de preservar a identidade das comunidades carismáticas espalhadas pelo mundo inteiro, incentivando-as sempre a manter uma ligação estreita e hierárquica com os Bispos e o Papa” (Op. cit. p. 22). A este respeito consultar, a seguir, o Capítulo 4.

Às diversas formas de legitimação da obediência correspondem os tipos ‘tradicional’, ‘carismático’ e ‘legal’.

WEBER (1982:100) destaca o carisma por entender que é no ‘carisma’ exclusivamente pessoal do ‘líder’ que reside a raiz de uma vocação em sua expressão mais elevada e destaca: “a dedicação ao carisma do profeta, ou do líder na guerra, ou ao demagogo na eclesia ou no parlamento significa que o líder é pessoalmente reconhecido como o líder inerentemente ‘chamado’ dos homens. Os homens não o obedecem em virtude da tradição ou lei, mas porque acreditam nele” (op. cit. p. 100) Sobre esta forma de liderança, WEBER desenvolve sua análise ao tratar da vocação política. Centra a discussão a partir da elaboração do conceito de Estado Moderno (constitucional). Todavia, não relega as origens das lideranças anteriores e parte da discussão que se fundamenta nos “dois modos principais pelos quais alguém pode fazer da política a sua vocação: viver ‘para a política’, ou viver ‘da’ política.” (Op. cit. p. 105)

Da escolha, de um desses modos, decorre a opção econômica, enquanto fonte de renda, isto é, viver para a política. Neste caso, o político deve ser rico ou deve ter uma posição pessoal na vida que lhe proporciona uma renda suficiente. (Cf. Op. cit. p. 105)

Sem descartar que, do ponto de vista econômico, as camadas dominantes têm políticos que vivem para a política, concebe que no campo da política vive-se também da política. A confirmação de WEBER é que “o político profissional não precisa buscar uma remuneração direta pelo trabalho político, ao passo que todo político sem meios deve, absolutamente, pretender essa remuneração”. (Ibid p. 106)

O exercício da atividade política pode, portanto, resultar em troca de serviços que implicam na concessão de cargos, rendas fixas, salários. Da mesma forma que havia concessões feudais, a exemplo, concessões de terras, prebendas; hoje, na economia monetária, “os líderes partidários distribuem cargos de todos os tipos – nos partidos, jornais, sociedades cooperativas, companhias de seguros, municipalidades, bem como no Estado. Todas as lutas partidárias são lutas para o controle de cargos, bem como lutas para metas objetivas.” (Ibid p. 107).

A distribuição de cargos passa a ser uma tendência frente ao crescimento dos partidos e da burocratização geral visto que representam um meio de vida especificamente seguro. O desenvolvimento do funcionalismo moderno enquanto força de trabalho profissional e altamente especializado, age de forma a colaborar com o senso de honra estamental com o interesse em manter a integridade da burocracia moderna e assim evitar o perigo da corrupção. Neste sentido a educação terá destaque enquanto agência de formação / capacitação que confirma a identidade profissional mediante a expedição de títulos das diversas carreiras profissionais.

Ao tratar da racionalização da educação e treinamento WEBER (1982:277ss) destaca as instituições educacionais tais como as universidades, academias técnicas, escolas

de comércio, ginásios e outras escolas de ensino médio – “são dominadas e influenciadas pela necessidades de tipo de ‘educação’ que produz um sistema de exames especiais e a especialização se torna, cada vez mais, indispensável à burocracia moderna”. Estes exames especiais freqüentes desde as épocas pré-burocráticas passam a ser substituídos, totalmente ou em parte, nas burocracias francesa, inglesa e americana pelo treinamento e serviço nas organizações partidárias. Os exames especiais têm o significado de ‘seleção’ dos que se qualificam, de todas as camadas sociais, ao invés de um Governo de notáveis. “A burocracia do capitalismo (...) generalizou o sistema de exames por todo o mundo”. (...) “Hoje os diplomas são o que o teste dos ancestrais foi no passado, pelo menos onde a nobreza continuou poderosa: um pré-requisito para a igualdade de nascimento, uma qualificação para um canonicato e para o cargo estatal”. (Op. cit. p. 178-9).

Sobre a formação das lideranças carismáticas leigas a RCC em composição com a Igreja (clerical) mantém a formação de leigos e religiosos, especialmente, por meio da formação universitária em instituições católicas, além de treinamentos em cursos e seminários, nos quais participam também fiéis engajados na caminhada da Igreja. Sobre isto trataremos em Igreja e Hierarquia.

A liderança carismática surgiu, em todos os lugares e em todos as épocas históricas. No passado as figuras do mago e do profeta, de um lado, e do senhor de guerra eleito, o líder de grupo e condottiere, do outro. O demagogo na cidade-Estado, peculiar ao Oriente e à cultura mediterrânea e o ‘líder partidário’ parlamentar que cresceu no solo do Estado Nacional (Cf. op. cit p. 100) A legitimação da liderança carismática se opera por meio da força pessoal do líder carismático que para não perder seu carisma tem que se colocar à prova. Assim, para manter a autoridade: “se quer ser profeta, deve realizar milagres; se quer ser senhor da guerra, deve realizar feitos heróicos (...). Sua missão divina deve ser ‘provada’, fazendo que todos os que se entregam fielmente a ele se saiam bem”. (Op. cit. p. 287).

A perda da autoridade, neste caso, pode significar a extinção da missão e a esperança e procura de um novo portador do carisma. Mesmo no caso de Jesus Cristo, no momento da crucificação, sentiu-se esquecido pelo seu Deus – “Meu Deus, Meu Deus, por que me abandonaste!” O que pode parecer aos seguidores que ‘a virtude o abandonou’. (Mc 15, 34). Vale salientar, neste exemplo, que Cristo mantém o seu poder com a ressurreição. Quanto à missão, cumpriu-se a profecia. Inicia-se a missão dos apóstolos (Mt, 10).

O domínio carismático autêntico se coloca acima de qualquer legislação temporal tais como códigos jurídicos abstratos, estatutos, adjudicação pois considera que sua lei emana da experiência pessoal da graça celestial e da força divina do herói. A dominação carismática rejeita “todos os laços com qualquer ordem externa em favor da glorificação exclusiva da mentalidade genuína do profeta e herói. Faz que o soberano rompa todas as normas tradicionais ou racionais: ‘está escrito, mas eu vos digo.’ (Cf. WEBER, 1982:288). Cristo não ignora o AT mas veio para mudar a Lei. Assim o carisma só conhece a determinação e a contenção internas. O seu portador toma a tarefa que lhe é adequada e exige obediência e um séquito em virtude de sua missão. Sua capacidade de consegui-la.

A reflexão supra que WEBER faz acerca do domínio carismático autêntico, visto segundo o movimento carismático católico, aponta para a dificuldade quanto à realização do carisma. Por natureza, o carisma exige transformação, ao mesmo tempo, o movimento citado defronta-se com a lentidão quanto às decisões da Igreja: são dois mil anos passados das experiências carismáticas desde a Igreja Primitiva – ressaltando, neste sentido, o apóstolo Paulo. Somente na Segunda metade do século XX é que o novo surto carismático reascende a chama do culto ao “Espírito Santo” e uma profusão de carismas, dons como um “poder renovado” (PEDRINI, 1994: 15) ressurgem. Todavia não se pode afirmar a autenticidade de um movimento que se ampara na burocracia institucional da Igreja sob a forma do controle, obediência e disciplina regulamentados institucionalmente. Especialmente

a partir do entendimento que as prescrições legais vigentes na Igreja ocasionam formas conflituosas de compreensão dos fiéis no quadro das diferenças sociais quer na vida clerical ou leiga (a sociedade como um todo).

Deste modo, o movimento carismático esvaziado da possibilidade da mudança pode negar-se a si mesmo e reduzir-se à cotidianidade. Renovar é preciso. Pontuar que “o compromisso político nasce da própria reflexão da fé que exige mudança” (BOFF, 1982:15) e que a Igreja deva permanecer una com suas diferenças são necessidades que se inscrevem no crescendo do movimento carismático católico.

Os limites do carisma circunscreve-se à missão dirigida a um grupo de homens delimitados localmente, socialmente, politicamente, ocupacionalmente. O que equivale dizer que há entre o portador do carisma e o líder, uma relação com um público determinado, especificado.

O carisma se opõe a qualquer forma de exploração econômica. Rejeita lucro pecuniário, em geral todo comportamento econômico racional.

Em sua forma ‘pura’ o carisma não se constitui em fonte de lucro privado de renda pecuniária e raramente envolve uma tributação para as necessidades materiais de sua missão. Cumpre aos patronos proporcionarem os meios às estruturas carismáticas.

“O carisma vive neste mundo embora não seja deste mundo.” (Cf. op. cit p. 287).

Os portadores do carisma, o mestre, discípulo e seguidores devem manter-se distantes dos laços deste mundo, das ocupações rotineiras da vida familiar.

Em comunidades como a ordem jesuítica destaca-se o impedimento a aceitação de cargos na Igreja; na franciscana os membros são proibidos de possuir bens e a ordem de ter posses, o sacerdote e o cavaleiro de uma ordem têm de viver no celibato, portadores de

carisma profético ou artístico são solteiros, vivem de rendas, enfim são independentes e sem emprego remunerado.

Isso vem confirmar a gratuidade inerente ao dom, anteriormente mencionado: “de graça recebestes de graça dai!” (Mt 10, 8 A BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1995: 1856).

Já no meio da RCC as denominadas Comunidades de Aliança e de Vida que representam movimentos de revivescência pós-conciliar, constituem-se pequenos grupos. No caso da primeira, compõe-se de pessoas casadas, solteiros e solteiras, profissionais que fazem votos de pobreza, castidade e obediência, ou partilham comumente uma mesma moradia. A segunda são grupos de auto-controle e reconhecimento canônico em Roma, fazendo parte de sua estrutura religiosa, religiosos e sacerdotes para atuarem na orientação espiritual. Neste caso, as comunidades têm dupla função: de um lado fomentam a simplicidade, o despojamento. De outro representam o suporte financeiro-material que mantém a sua estrutura e fomenta a sua obra assistencial na RCC por meio de suas fundações e associações, das quais procede a captação de recursos financeiros nos âmbitos nacional e internacional e também a aquisição de bens imóveis. (Cf. CARRANZA, 2000:63).

A exemplo, a Associação Servos de Deus, obra filantrópica e de utilidade pública federal da RCC na arquidiocese de Goiânia. Esta associação que visa a assistência social atendeu, em 1999, cerca de 3500 pessoas, dentre elas, menores carentes, deficientes físicos, alcóolatrás e dependentes químicos, além de atendimento jurídico, psicológico, médico e odontológico ao público. Mantém o SOS oração (que reza pelas pessoas pelo telefone).

CAPÍTULO 3 - IGREJA E HIERARQUIA

3.1. A Igreja como poder hierarquizado

Na concepção gramsciana a Igreja se apresenta como uma casta intelectual autônoma e como o equivalente, ao nível ideológico, do aparelho do Estado em nível repressivo. Neste sentido a Igreja constitui uma das engrenagens essenciais do verdadeiro Estado. Esta imagem da Igreja medieval já não se identifica com a Igreja pós-conciliar. (Vaticano II)

“A influência da Igreja sobre a sociedade civil foi, pois, radicalmente transformada e de um controle direto dos ramos católicos dos aparelhos sindical, político, escolar, a Igreja limitou-se a uma influência indireta, seja moral, seja pela intermediação da Ação católica”. (PORTELLI, 1984: 213).

O rompimento entre Igreja e Estado tem em consequência a desestabilização quanto posição do aparelho religioso na sociedade civil.

“A dominação burguesa, sendo regida pelas relações de troca reguladas pelo mercado, não precisa de justificação religiosa para legitimar-se. Sua ideologia não requer uma referência à religião para sustentar-se. Os valores morais da ordem burguesa – liberdade, igualdade, fraternidade e democracia – não repousam sobre uma visão religiosa do

mundo e do homem, mas sim sobre uma concepção de progresso da Humanidade” (OLIVEIRA, 1985: 270-1).

Deste modo, a Igreja perde o seu papel de organizadora da vida coletiva. Porém assegura o papel de mantenedora da vida de fé, do culto e da moral da população (OLIVEIRA, op. cit. p. 283). Assim ficam preservadas a autoridade e disciplina clericais e se mantém o controle sobre os leigos quanto à sua participação na Igreja. Atualmente pode-se constatar no caso do movimento carismático católico que o controle sobre os leigos se faz mediante as prelasias, bispos e padres. A exemplo, o Projeto Universidades Renovadas da Secretaria Lucas, embora integre leigos nos postos de coordenações Nacional e Estadual, estas coordenações devem obediência ao Vaticano e às dioceses (representadas pelo poder dos bispos) e ao orientador espiritual que é um sacerdote indicado pelo bispo.

As ações religiosas antes dirigidas pelo padroado, sobretudo com a substituição do culto aos santos padroeiros, como também pela inserção das irmandades em lugar das confrarias, no caso específico do cristianismo romanizado implantado no Brasil, desde a colonização, foram mantidas sob a orientação do clero.

Deste modo, “o recuo da Igreja no domínio da sociedade civil implica em dois fatores: um externo, corresponde ao recuo geral das forças religiosas, outro interno, o enfraquecimento do aparelho eclesiástico favorecendo o fortalecimento, de fato, dos intelectuais leigos. (PORTELLI, 1984:213). Contudo, a presença das diversas tendências político-ideológicas no seio da Igreja desencadeia “um conflito no nível das ideologias leigas e não de seu suporte teológico”. (PORTELLI, 1984:214). Isto torna possível a legitimação do pluralismo político de um lado, o fato de o conflito não situar-se no campo teológico permite à Igreja abrir-se ao movimento pentecostal que ressurgiu com veemência expansionista e se torna atraente aos fiéis.

Por outro lado, a Igreja mantém sua hierarquia eclesial – hierocracia, apesar de expandir a ação dos leigos, garantindo a estes uma participação, sobretudo, nos serviços; favorecendo a multiplicação dos carismas que ressurgem especialmente no movimento carismático católico. Deste modo, o controle da Igreja se faz pelo fortalecimento das organizações internas dirigidas pelo clérigo e nas funções de menor poder decisório por leigos selecionados entre os fiéis que revelam seus carismas enquanto servos. Isto nos leva a crer que, a vigência do poder que emana do Vaticano se mantém por meio da disciplina e obediência típicos das burocracias, não superando portanto a crise da Igreja.

Neste contexto, as dominações carismáticas se centram nas lideranças tipológicas sugeridas por WEBER destacando-se no clérigo o sacerdote que possui encargos típicos da função do ponto de vista do culto e do rito, mas que detém, também, encargos decorrentes dos serviços, ministérios, ações, quer nas suas orientações temporais ou espirituais. O que supõe um controle institucional legitimado pelo Direito Canônico; e pelas orientações emanadas das encíclicas, dos sínodos e regionalmente mantidas pela ações episcopais dos bispos e padres, ou seja, um controle clerical, hierárquico. Do ponto de vista interno, a crise da Igreja manifesta-se nas relações entre o poder central (Vaticano) e as bases episcopais.

A Igreja debate-se contra o prenúncio de novos cismas mesmo antes da reconciliação com os irmãos ortodoxos. Além de outras questões suscitadas pelos movimentos sociais que se manifestam contra o celibato, em defesa da participação sacerdotal dos padres casados e das mulheres, da pressão dos leigos face aos problemas que decorrem da estrutura familiar atual e do alcance dos direitos conforme as decisões que se operam na sociedade à medida que avança o processo de laicização e democratização. A exemplo: o aborto, o homossexualismo, a AIDS, o divórcio, projeto GENOMA, além do quadro de pobreza que se avoluma e dizima populações desde as crianças na mais tenra idade.

Diante deste quadro, a opção pelos pobres agudiza os conflitos quer internos ou externos e a peregrinação do Papa não surte os efeitos esperados. Mesmo assim, projeto como “Rumo ao novo milênio” (CNBB / 1996), buscando a atender à questão regional brasileira lança em sua coluna de “serviço” as campanhas :

- “A fraternidade e os encarcerados” (1997) sublinhando os “Direitos civis” da pessoa: à vida, à integridade física, à liberdade, à igualdade perante a lei;
- “Direitos Sociais” (1998) garantia de inserção da pessoa na sociedade por meio da educação, da preservação da cultura de origem, da informação, da defesa do meio ambiente, dos cuidados da saúde;
- “Direitos Econômicos” (1999) destacando a alimentação, o trabalho e a moradia na perspectiva de uma economia mais humana, solidária, com primazia da vida e do trabalho sobre o capital e a propriedade. (Cf. CNBB, 1996:43).

No contexto de uma Igreja que carrega a experiência, desde Pedro, o movimento carismático católico retoma o culto ao Espírito Santo e a devoção a Maria, privilegia a oração e as “Escrituras”. Tem caráter expansionista. Agrega todas as classes sem limite de idade.

É um movimento que retoma os princípios doutrinários que requerem alta disciplina nos rituais que se manifestam em clima de muita emoção. Ao mesmo tempo, libera as manifestações individuais que podem atingir à condição do êxtase.

3.2. Fenômeno Carismático Católico

3.2.1. Origem

O século XX, desde o seu início, tem sido marcado por movimentos de rupturas de paradigmas e verdades construídas e aceitas nos diversos campos do conhecimento científico, filosófico e religioso. Neste século, os movimentos pentecostais e carismáticos têm revelado um crescimento que soma cerca de 1500 grupos pentecostais, perfazendo um total de 55 milhões de membros, constituindo-se o setor mais amplo do protestantismo e 10% dos católicos de todo o mundo (Sf. SANTIDRIÁN, 1996:387).

Estes movimentos têm sua motivação no Batismo do Espírito Santo, na experiência individual de Deus vivenciada pessoalmente ou em grupo e na reverência aos dons que emanam do Espírito Santo de Deus, dos quais destacam o dom das línguas, da cura, da oração e um forte clima de entusiasmo e emocionalismo comunitários que envolve jovens, adultos e velhos em cultos e rituais de manifestação da fé em grandes públicos, aglomerados.

Os grupos pentecostais dispersos pelo mundo, tiveram sua origem em diferentes confissões e Igrejas Protestantes. Assim temos seguidores entre metodistas, batistas, apostólicos e indígenas.

MANSFIELD (1993: 3-15 passim) faz uma retrospectiva acerca das experiências carismáticas no seio da Igreja Católica desde o Concílio Vaticano I, destacando duas iniciativas que marcam indelevelmente o movimento. Durante o papado de Leão XIII, a Irmã Elena Guerra, fundadora das “Irmãs Oblatas do Espírito Santo”, em Lucca, Itália, organizou grupos de oração denominada “Cenáculos Permanentes”. Com o retorno de Roma (1897) do seu diretor espiritual, o Bispo Volpi, cumpriu-se a promessa do Papa de que tudo faria pela glorificação do Espírito Santo com a publicação da Encíclica Divinum Illud Munus.

Em 1º de Janeiro de 1901, 1º dia do século XX, o Papa invocou o Espírito Santo com o hino “Veni, Creator Spiritus” (Vinde, Espírito Criador) em nome da Igreja.

Em 1906, ocorreu nos Estados Unidos da América um acontecimento marcante denominado Renascimento de Rua Azusa, em Los Angeles, semelhante a outros que envolviam pessoas crentes que estavam recebendo a emanção do Espírito Santo e seus dons carismáticos.

Com o afastamento dos adeptos das igrejas, concorreu para a congregações denominadas ‘pentecostais’, hoje ‘pentecostalismo’.

Os anos 50 marcam o movimento ‘neopentecostal’, momentos em que os membros das igrejas tradicionais começam a receber os carismas.

Em 1960, a Igreja Católica é tomada por surtos da Renovação Carismática. Neste sentido o Papa João XXIII (por ocasião do Concílio Vaticano II) tem um papel fundamental ao afirmar em oração:

‘Renova os teus milagres neste nosso dia, como em um novo Pentecostes. Permita que tua Igreja, unida em pensamento e firme em oração com Maria, Mãe de Jesus, e guiada pelo abençoado Pedro, possa prosseguir na construção do reino do nosso Divino Salvador, reino de verdade e de justiça, reino do amor e da paz. Amém’ (in MANSFIELD op. cit. p. 6)

É no entanto o chamado Fim de Semana de Duquesne (17-19 de FEV/1967) que sinaliza o início da Renovação Carismática na Igreja Católica, por ter um grupo de fiéis católicos experimentado o Batismo no Espírito Santo. A experiência desses universitários, alunos e professores desencadeou o movimento carismático. Daí para frente, os grupos de

oração, seminários, encontros, além de outras formas de experiências carismáticas, disseminaram-se no mundo.

3.2.2 Renovação Carismática e proximidade com o Vaticano

O documento “Os Papas Falam sobre a Renovação Carismática” (1992) atesta João XXIII como o precursor da Renovação Carismática que compôs a oração de preparação espiritual da Igreja ao trabalho do Concílio Vaticano II:

“Repita-se no povo cristão o espetáculo dos Apóstolos reunidos em Jerusalém, depois da ascensão de Jesus ao céu, quando a Igreja nascente se encontrou reunida em comunhão de pensamento e de oração com Pedro e em torno de Pedro, pastor dos cordeiros e das ovelhas.

Digne-se o Divino Espírito escutar da forma mais consoladora a oração que sobe a Ele de todas as partes da terra. Que Ele renove em nosso tempo os prodígios como de um novo Pentecostes, e conceda que a Santa Igreja, permanecendo unânime na oração, com Maria, a Mãe de Jesus, e sob a direção de Pedro, dilate o Reino do Divino Salvador, Reino de Verdade e Justiça, Reino de amor e de paz.”

Com o pronunciamento de João XXIII intensificam-se as oportunidades da RCC com o Vaticano, sobretudo a partir de 1973 quando ocorreu a Primeira Conferência Internacional de Líderes em Grottaferrata, perto de Roma, assistida por 120 dirigentes de 34 países, dentre eles dois bispos. Nesta ocasião, o Papa Paulo VI, em audiência com os

delegados não fez menção à Renovação, o que entristeceu a delegação. Fato que foi imediatamente corrigido pois ao terminar a audiência pontifícia, “se convidou, pelos altofalantes, um grupo deles para que passasse a conversar reservadamente com o Papa. Foram designadas 13 pessoas, de oito países. O Papa lhes dirigiu um breve discurso, que foi publicado no dia seguinte no “Osservatore Romano”, e dialogou espontaneamente com todos eles” (op. cit. p. 6).

No dia seguinte, o Papa reuniu-se com o Cardeal SUENENS para se informar sobre a Renovação. O Cardeal SUENENS, neste momento, já revelava larga influência no movimento carismático católico especialmente pela seu livro “Um Novo Pentecostes”, baseado nos textos de São Paulo e dos Atos dos Apóstolos, como afirma o Patriarca de Veneza, Albino Lucinani (op. cit. p. 22).

Na celebração do Ano Santo (Roma, 1975) integrantes da Renovação Carismática, num encontro internacional, reuniu 10000 peregrinos que celebraram a ‘Renovação e Reconciliação’ acompanhados por dois cardeais e dez bispos, nos campos limítrofes das Catacumbas de São Calixto.

O Papa Paulo VI (1975) descreveu o Movimento para a Renovação como “uma sorte para a Igreja e para o mundo”.

Os seus sucessores confirmaram o movimento. Mesmo João Paulo I, com seus 33 dias de Pontificado, embora não tivesse chegado a se pronunciar sobre a Renovação Carismática, tomou conhecimento do livro “Um Novo Pentecostes” (Como alerta a Carta enviada ao Papa pelo Patriarca Albino Luciani – 1974, citação supra).

Em 1979 o Papa João Paulo II recebeu em audiência especial o Cardeal SUENENS, o bispo Alfonso Uribe e os membros do Conselho Internacional da Renovação Carismática Católica. Após a projeção de um documentário sobre a Renovação Carismática, o Papa agradeceu. E ao ser perguntado se desejava indicar normas de ação para os carismáticos,

o Papa foi cauteloso e afirmou: este é o primeiro encontro com os católicos carismáticos. Sugeriu ser preciso explicar sua própria vida carismática e relatou sua primeira experiência com o Espírito Santo. Contava entre doze e treze anos e afirmou estar “convencido de que o movimento é um importante componente dessa total renovação da Igreja, dessa renovação espiritual da Igreja”. (Op. cit. p. 24).

Em 1980, o Papa João Paulo II recebeu em Roma 18000 membros do movimento Nacional Italiano de ‘Renovação no Espírito’, procedentes de diferentes partes do país, como representantes dos 480 grupos espalhados pela Itália.

Após pronunciar palavras de agradecimento pelas visitas e pelas orações recebidas o Papa destacou : “tenho a alegria de encontrar-me com vossa assembléia, na qual vejo jovens, adultos, anciãos, homens e mulheres, solidários na profissão de fé, animados pelo alento de uma mesma esperança, estreitados juntamente com os vínculos dessa caridade que ‘se derramou em nossos corações pela virtude do Espírito Santo, que nos foi dado” (Rom 5, 5 in. A Bíblia de Jerusalém, 1995:2126)

O Papa fala sobre a presença de Cristo entre nós, ao citar em Jo 14, 16-17 as palavras de Jesus no Evangelho – ‘Eu pedirei ao Pai e Ele vos dará outro Confortador, para estar convosco para sempre, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece. Vós, porém, o conheceis, porque habita entre vós e em vós estará’ (Cf. A Bíblia de Jerusalém, 1995:2024).

Ressalta a efusão pentecostal do Espírito Santo em At. 1,5; At 2,2; At 2,4, (A Bíblia de Jerusalém, 1995: 2046, 2048), além de outras passagens e ainda Rom 8,9; 1Tes 5,19; Gal 5,18 e Gal 6,8) (Cf. A Bíblia de Jerusalém, 1995: 2046, 2048, 2132, 2222, 2194, 2195 passim)

Retomando o Concílio Vaticano II o Papa fala da multiforme ação do Espírito Santo na história da salvação e cita as metas de justiça, amor e liberdade (Cf. Gaudium et

Spes, 26), colocando em destaque o testemunho apostólico, fortalecido por meio do sacramento. Neste sentido, ao tratar da oração, testemunho e serviço, apoia-se em 2Cor 4,7 que alude aos “vasos de barro” (Cf. A Bíblia de Jerusalém, 1995: 2127).

Alerta para os perigos que surgem no caminho, como: “uma excessiva importância dada, (...) à experiência emocional do divino; a busca desmedida do ‘espetacular’ e do ‘extraordinário’; o ceder a interpretações apressadas e desviadas da Escritura; um debruçar-se sobre si mesmo que foge do compromisso apostólico, a complacência narcisista que se isola e se fecha” (João Paulo II, 1992:27)

Conclui: “Provai tudo e ficai com o que é bom” (I Tes 5,21). Isto é, permanecei em atitude de constante e agradecida atividade para todo dom que o Espírito deseja difundir em vossos corações, não esquecendo, contudo, que não há carisma que não seja dado ‘para utilidade comum’ (I Cor 12,7).

Aspirai, em todo caso, aos ‘carismas melhores’ (I Cor 12,31 p. 27)

Ao referir-se sobre a autêntica renovação da Igreja o Papa afirma:

Animados pela caridade, não só vos colocareis em espontânea e dócil escuta daqueles ‘a quem o Espírito Santo constituiu bispos para apascentar a Igreja de Deus’ (At 20,28 in A Bíblia de Jerusalém; 1995: 2089) mas sentireis também a necessidade de abrir-vos a uma compreensão cada vez mais atenta dos outros irmãos com o desejo de chegar a ter com eles verdadeiramente ‘um só coração e uma só alma’ (At 4,32 Cf. A Bíblia de Jerusalém, 1995: 2222, 2163, 2164, 2089, 2055 passim) .

O Quarto Congresso Internacional de Dirigentes da Renovação Carismática reuniu cerca de 600 delegados de quase cem países, mostrando a extensão e vitalidade alcançadas pela Renovação Carismática. O Papa João Paulo II recebeu participantes do Congresso em cinco diferentes oportunidades, recebeu o Cardeal Suenens, almoçou com integrantes do Congresso Internacional, celebrou a Eucaristia com alguns sacerdotes e convidou a cear com ele os delegados da Polônia. (Cf. Os Papas falam, 1992:29).

O Papa saúda os irmãos e irmãs em Cristo com as palavras: na alegria e na paz do Espírito Santo, quero dar as boas vindas a vós que viestes a Roma para participar da IV Conferência Internacional de dirigentes da Renovação Carismática Católica, recorrendo a 2 Cor 12, 13 – ‘a graça do Senhor Jesus Cristo e a caridade de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós’. O Papa ressalta a importância da escolha de Roma para sediar a Conferência e lembra seu predecessor Paulo VI à época da realização do Congresso Carismático Internacional (1975).

Destacou os princípios para guiar o Discernimento, sublinhando:

- Fidelidade à doutrina autêntica da fé;
- Apreciar os dons mais excelsos e
- Ir em pé da caridade (fundamentados em I Tes 5,21 e Col 3,14 e a tarefa dos Dirigentes e o papel do Sacerdote.

Quanto ao dirigente – em primeiro lugar dar exemplo de oração em sua própria vida; abertura aos dons do Espírito Santo, sem buscar exageradamente os dons extraordinários, além de chamar a atenção sobre o ciclo dos tempos litúrgicos da Igreja, a celebração dos sacramentos, especialmente o sacramento da penitência, amor, a Eucaristia.

Em segundo lugar proporcionar alimento sólido para o sustento espiritual mediante a distribuição do pão da verdadeira doutrina – ‘permanecer firmes no Evangelho’.

Em terceiro lugar, ter a iniciativa de laços de confiança e cooperação com os bispos (Grifos do autor).

Quanto ao papel do sacerdote na Renovação Carismática o Papa menciona, inicialmente, o Dom da ordenação destacando o papel de colaboradores no ministério de Jesus Cristo, frisando sobre a absoluta comunhão hierárquica com a ordem dos bispos. Salienta, “o sacerdote tem uma única e indispensável tarefa a realizar na Renovação Carismática, o mesmo que para toda a comunidade cristã” (op. cit. p. 33).

Por fim, conclama os sacerdotes e leigos, dirigentes da Renovação para dar testemunho da mútua união em Cristo e “conservar a unidade do espírito mediante o vínculo da paz. Só há um corpo e um espírito, como também fostes chamados numa mesma esperança, a de vossa vocação” (Ef. 4, 3-4 p. 34. Cf. A Bíblia de Jerusalém, 1995:2201).

O movimento carismático, nascido nos Estados Unidos da América, nas Igrejas Protestantes no início deste século, por volta de 1966 aparece também na Igreja Católica. O papa Paulo VI no dia de Pentecostes de 1975, em reunião com líderes do movimento, definiu a Renovação Carismática como “oportunidade” para a Igreja. A partir de então, os papas que o sucedem passam a apoiar este movimento que já havia sido iniciado pelos montanistas do século II, subjugados pelo conflito travado no campo institucional e hierárquico da Igreja e desde o século XIX – XX por outras iniciativas já mencionadas..

O fenômeno carismático católico, sob a égide do cardeal SUENENS, tem reunidas nos “Documentos de Malines” orientações ao movimento.

As preocupações com um possível cisma entre católicos, tais como: o êxodo, da Igreja, de cristãos católicos tocados pela renovação carismática; resistência ou rejeição da renovação pelas autoridades e grupos paroquiais e a disposição de renunciar às características próprias da espiritualidade carismática, foram dissipadas com a adoção de medidas preventivas: reconhecimento papal, em 11 de novembro de 1990, da Congregação Católica de

Comunidades e Associações da Aliança Carismática como associação particular dos fiéis; e a confirmação papal, em 14 de setembro de 1993, dos Estatutos dos Serviços da Renovação Carismática Católica Internacional.

O movimento carismático que eclodiu no século XX, ao evocar os dons do Espírito Santo de Deus apóia-se nos textos de São Paulo: Atos 2,1, carta aos Romanos (Rm 12,7) e Primeira Carta aos Coríntios (Cor 12,4-11;28). Conta também com toda uma orientação da Igreja aos bispos e sacerdotes, sobre a presença e uso dos carismas, emanada do Concílio Vaticano II.

O movimento carismático católico impressiona pela força e corrida expansionista. O padre Dougherty ao tomar conhecimento do movimento católico pentecostal, participou de um encontro de “fim de Semana em Michigan”, nos Estados Unidos da América (EUA), onde presenciou a prática da glossolalia. Ao retornar ao Canadá onde desenvolvia estudos teológicos, aprofundou suas leituras nesta direção, convertendo-se aos cultos carismáticos. No Brasil tem sido um dos incentivadores com trabalhos expressivos no campo midiático por meio de traduções de obras (do idioma Inglês para o Português), publicados pela Editora, Loyola (Cf. SILVA, 1998:54-55). Participa também nas redes televisivas Vida, Canção Nova e Associação do Senhor Jesus que incluem obras da RCC. Acresce a essa expansão as contribuições dos leigos quer na criação de grupos de oração, ou na participação em encontros e seminários disseminando a obra carismática.

Explorado nos campos profissionais, políticos e religiosos o carisma, ressurgiu no movimento da renovação carismática cristã, dando à Igreja uma nova dimensão em seu processo de formação neste final de século XX. Conciliar fé e razão depois da Encíclica papal

“Fides et Ratio” trouxe à tona um desafio para a Igreja Católica, isto é, a evangelização* dos meios científicos. (Cf Projeto Universidades Renovadas – PUR. 2000:20)

Também são deste século XX as diversas reflexões surgidas em torno do carisma, dando-lhe lugar num campo novo do saber científico, a sociologia da Religião cuja compreensão situa o carisma numa relação de poder que se estabelece no campo institucional e não apenas numa instância específica do sagrado. Neste sentido a contribuição de WEBER se torna relevante ao irromper com conceitos já firmados e ao criar não só uma metodologia de leitura dos fenômenos sociais, especialmente, neste caso os religiosos, mas por descobrir que os fenômenos desta área têm imbricações muito mais complicadas em suas relações cotidianas do que as teorias de cunho social-econômico, centradas numa base materialista.

Sem descartar estas relações, soube WEBER buscar nas instâncias do sagrado a explicação dos fenômenos da cotidianidade. Desta forma ampliou o conceito de carisma sem negar o caráter carismático do NABÍ; sem deixar de reconhecer que o carisma é antes de tudo um Dom que só o desenvolve aquele que é qualificado. E vai além ao dar ao carisma o sentido da unidade na diversidade ou seja, situá-lo na relação daquele que recebe o dom da divindade e aqueles que acolhem a mensagem – a comunidade em experiência de doação, partilha. De graça recebestes, de graça dai! (Mt 10,8)

3.2.3. Carismáticos no Brasil

No espaço da crise do catolicismo romanizado, especialmente nos anos pós conciliares (Vaticano I e II) nasce a Renovação Carismática Católica (RCC), como reação face à pós-modernidade, “oferecendo uma nova subjetividade religiosa pautada nos moldes

* Evangelização no sentido de Kerigma. “mensagem, pregação. Anúncio ou proclamação de que Jesus é o Cristo ou Messias Senhor, por quem Deus operou a salvação nele continua a operá-la hoje e sempre”. Cf.

neopentecostais de emotividade e como uma agência moderna de aflição” (CARRANZA, 2000:16). Inicialmente denominando **pentecostalismo católico**, o movimento carismático católico passa a ter penetração no Brasil por volta de 1970 quando padres jesuítas realizaram os primeiros encontros e grupos de oração em Campinas, Estado de São Paulo. Com a adesão de padres e freiras o movimento carismático católico foi tomando fôlego.

A história do movimento carismático, no Brasil, tem no Padre Eduardo Dougherty (S.J.), um dos seus fundadores e continuadores do movimento sem deixar de salientar as contribuições do sacerdote Haroldo Rahm (S.J.) Este participou da obra expandindo o movimento em pregações, retiros espirituais para padres, freiras, cursilhistas e jovens, levando aos Estados de Mato Grosso e Goiás, na cidade de Goiânia, a mensagem do movimento carismático, como a outras cidades do país.

O movimento carismático católico no Brasil, iniciado desde os anos 70, não encontrou, de imediato, o apoio integral do clero brasileiro. Sua penetração na Igreja e aceitação por parte do clero, se confirma como uma reação de contenção ao pentecostalismo, ao lado dos esforços de retorno às práticas religiosas tais como: devoção aos santos, veneração às imagens, práticas ritualísticas de bênçãos (de moradias, carros, pessoas, água e objetos), terço em família, novenas, procissões, romarias, missa com intenções especiais. As associações religiosas de leigos como Apostolado da Oração, Congresso Mariana, serviram como incentivo à participação dos fiéis na Igreja. E ainda o uso dos meios midiáticos representados pela ampliação do uso dos multimeios, tais como: rádio-difusão, uso de sistemas televisivos e editoração de obras católicas que apoiados pelos leigos compõem o cenário de medidas para conter a evasão dos fiéis e conquistar as classes populares. O retardo, quanto ao apoio clerical, não impediu o crescimento do movimento carismático católico leigo, especialmente com a multiplicação dos grupos de oração que se espalham nas diversas

comunidades ampliando a adesão dos fiéis, notadamente das camadas populares. A RCC fala o que o povo quer ouvir e entende, medida em que oportuniza a participação leiga ao criar o espaço à exposições pessoais, como se confirma no depoimento, a seguir:

“No GOU a gente pode colocar para fora tudo que a gente pensa de Deus, da comunidade e do mundo. É um local de partilha”.

(Mateus, Goiânia / 2001)

Ao mesmo tempo que a RCC cria oportunidades de manifestações pessoais em suas práticas, uma vez que a participação do fiel se torna mais fluente se comparada ao rito tradicional romanizado (antes do Concílio Vaticano II), ela retoma aspectos que representam a Igreja conservadora, incentivando o uso das Sagradas Escrituras, perseverando na oração com Maria, lembrando os Apóstolos com Maria no Cenáculo. Portanto, uma prática diferenciada da adotada pelo segmento da teoria da libertação. Neste sentido, a RCC se torna útil à Igreja conservadora, além de contribuir para a retenção e aumento dos fiéis, antes em deserção.

3.3.Organização e funcionamento da Renovação Carismática Católica no Brasil

A Renovação Carismática Católica, implantada no Brasil nos anos 70 sob a orientação dos padres DOUGHERTY e RAHM, recebeu a adesão de outros padres e freiras. Tem-se firmado no meio do catolicismo laico, contando atualmente com o apoio dos bispos das dioceses.

Todavia a sua penetração na Igreja tem ocorrido em certo clima de tensão. Além do conflito com os segmentos progressistas da Igreja, não contou, desde o início, com aceitação por parte de todo o bispado. A CNBB só se pronunciou, favoravelmente, à RCC

após a confirmação do diálogo papal, desde Paulo VI (1973) e João Paulo II (1979) – Cf. Os papas falam, 1998:23), com as lideranças carismáticas e ter realizado ampla consulta / pesquisa em todas as dioceses, que culminou com a realização da 34ª Reunião Ordinária do Conselho Permanente (1994) e emissão das Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática Católica (Documento nº 53 da CNBB, 1994:15 – 30) quando a RCC já havia antecipado em um ano o Projeto Ofensiva Nacional. Conforme este documento (53) são recomendações:

- “Reconhecendo-se a presença da RCC em muitas Dioceses e também a contribuição que tem trazido à Igreja no Brasil, é preciso estabelecer o diálogo fraterno...” (19)

- “A RCC assumam com fidelidade as diretrizes pastorais da CNBB. A Coordenação Nacional da RCC terá um bispo designado pela CNBB, como assistente espiritual ...” (21)

- “A RCC assumam também as opções diretrizes e orientações da Igreja Particular...” (22)

- “Os bispos e os párocos procurem dar acompanhamento à RCC diretamente ou através de pessoas capacitadas para isso...” (23)

- “Os membros da RCC participem dos Encontros, cursos, círculos bíblicos e outras atividades pastorais e de formação promovidos pelas Igrejas Particulares ...”(24)

- “Os Grupos de Oração alimentem o espírito de comunhão eclesial, busquem o crescimento na fé e a perseverança de seus participantes ...” (27)

- “As tarefas de coordenação, animação de grupos e de evangelização sejam confiadas a pessoas adequadamente preparadas e de comprovada vivência cristã” (28)

- “Evite-se na RCC a utilização de termos (...) tais como: pastor, pastoreio, ministério, evangelizador e outros” (29)

- “O programa (...) ‘Ofensiva Nacional’ assuma o objetivo e as diretrizes gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil (...)” (30)

- “Os convites a pessoas de outras Dioceses para conferência, palestras, seminários e outros eventos, sejam feitos com a devida anuência do bispo diocesano ou de quem for por ele indicado” (31)

- “Os manuais de oração, livros de estudos bíblicos e de formação doutrinal, (...) tenham aprovação eclesiástica”(32)

- “(...) é preciso estar atentos para não cair (...) nos seguintes perigos: 1º o fundamentalismo (...), 2º o intimismo (...). Sigam-se as orientações do Magistério...” (35)

- “Cuide-se para que não haja coincidência de reuniões de grupos ou outras iniciativas da RCC com a celebração da Santa Missa ou outras celebrações da comunidade eclesial” (44)

- “(...) evitar o uso da expressão Batismo no Espírito. (...) Poderão ser usados termos como ‘efusão do Espírito Santo’ (...) não se utilize o termo ‘confirmação para não confundir com o sacramento da Crisma” (54)

- “Em assembléias, grupos de oração, retiros (...) evite-se a prática do assim chamado ‘repouso no Espírito’ (...)” (65)

- “(...) seja afastada a prática, onde houver, do exorcismo exercido por conta própria”(67)

- “Procure-se, ainda, formar adequadamente as lideranças e os membros da RCC para superar uma preocupação exagerada com o demônio, que cria ou reforça uma mentalidade feitichista, infelizmente presente em muitos ambientes” (68)

A RCC no Brasil conta em sua estrutura organizacional com um Conselho Nacional, órgão deliberativo responsável pela unidade e desenvolvimento da RCC, com sede em Brasília – DF.

Este conselho é formado pelos coordenadores estaduais, eleitos pelos coordenadores diocesanos do Estado e pela Comissão Nacional – órgão executivo do Planejamento Geral e coordenador do Escritório Nacional, nomeado pelo Conselho Nacional. O Conselho e a Comissão Nacional são serviços na RCC e não têm ingerência nas Dioceses.

Em 1993, a RCC lançou a proposta Ofensiva Nacional que articula todos os programas, projetos e atividades com a intenção de : aumentar em 10% ao ano o número de seminaristas; tornar 2% dos carismáticos assinantes do jornal da Renovação: Jesus é o Senhor; alcançar a igualdade de participação de homens e mulheres no movimento; aumentar para 10.000 a participação dos carismáticos no Congresso Nacional da RCC; e mobilizar para o Cenáculo Mariano, no mês de outubro de 1998, um milhão de carismáticos (Ofensiva Nacional, 1998:5; Veja, 8/4/1998 apud CARRANZA, 2000:59).

Nos Estados conta com um Conselho Estadual que em Goiás é presidido pelo Sr. Francisco Júnior.

Diversas Comissões como: Eventos, Finanças, Estado de Vida, Discernimento, Serviços e Unidades. Ligada às comissões tem a Secretaria com um Secretário Nacional escolhido pela presidência do Conselho Nacional.

A nível diocesano, existem as equipes e Conselhos Diocesanos, aprovados pelos bispos diocesanos.

“A única autoridade reconhecida é a dos Bispos Diocesanos que reconhecem e aprovam os serviços da RCC em sua Diocese.” (Cartilha Universidades Renovadas, 2000:18). Naturalmente que na esfera global da Igreja a RCC se submete à obediência ao Vaticano.

Para cumprir as metas da Proposta “Ofensiva Nacional”, nas 256 Dioceses, onde a RCC se faz presente, com cerca de 60 mil Grupos de Oração e uma participação de 8 a 10 milhões de católicos carismáticos, somente no Brasil (dados de 1999 in Cartilha

Universidades Renovadas, 2000:18), foram organizadas secretarias que executam projetos específicos, demonstrando, também a burocratização dos carismas.

CARRANZA (2000:61) salienta “que no seu conjunto as secretarias atingem todas as dimensões sociais, litúrgicas, eclesiais, familiares, espirituais, lúdicas, políticas e informativas. (...) Desta forma, a RCC se constitui numa sociedade dentro da sociedade e uma igreja dentro da Igreja, o que poderia ser caracterizado como uma sociedade inclusiva” (Grifos da autora)

Sem contar com as Comunidades de Aliança e Comunidades de Vida que favorecem às pessoas leigas se consagrarem por meio de votos de pobreza, castidade, e obediência o que antes era restrito as ordens religiosas e o sacerdócio religioso e secular (Comblin, 1983:24 apud CARRANZA, 2000:62)

São as seguintes as Secretarias:

Ágape – cuida do atendimento buscando a evangelizar a família e atrair os homens à RCC.

São Pedro – tem por objetivo formar pregadores para a RCC.

São Paulo – trata-se da Escola Nacional de Formação das lideranças na RCC.

São Tarcísio – visa a conhecer a liturgia e preparar para celebrar melhor.

Rafael – responde pela formação sobre os serviços de cura e libertação das raízes familiar, pessoal e social.

Gabriel – orienta os cristãos que têm e desejam desenvolver o carisma para atuar na comunicação. Reúne as iniciativas de meios de comunicação da RCC que consta desde os boletins informativos, programas de rádio e TV como: “Anunciamos Jesus” de alcance nacional, além de 181 emissoras de rádios no país e canais de TV como o sistema

televisivo Canção Nova, e as relações da RCC com a Rede Vida de televisão, notadamente católica, além de diversos programas.

Moisés- compõe uma rede nacional de formação de intercessores, com núcleos nas dioceses servindo como apoio na criação de grupos de intercessão e acompanhamento nas suas formações.

Davi das artes – dedicada a orientar o ministério da música por meio de cursos, festivais e congresso, tem a sua atuação ampliada para as artes, não só a música, tendo o Grupo de Oração como referência a este chamado a uma Santa arte.

Lucas – trata-se do Projeto Universidades Renovadas com a intenção de evangelizar nas universidades e “realizar um reavivamento espiritual e capacitar a todos do meio universitário para serem agentes de renovação das faculdades, conciliando fé e razão” (Congresso de Secretarias, Goiânia, 2001).

Os grupos de oração universitários (GOU) são as células da Secretaria Lucas – Projeto Universidades Renovadas. Eles movimentam a vida universitária no sentido do encontro do jovem com o sagrado por meio do culto ao Espírito Santo e a devoção à Maria Santíssima, Mãe de Deus. A crença que passa entre os jovens seguidores da RCC participantes de GOU é que este espaço, de passagem, tem o sentido de uma vida mais solidária, distanciada dos problemas mundanos além de aproximar ou até mesmo descobrir o Amor que une a criatura ao Criador. As afirmações acerca da conversão aparecem de forma freqüente entre os participantes, como chamamento: motivado pela família (23,08% dos 26 entrevistados), por meio de convite dos que freqüentam o GOU 19,27%, pelos amigos 15,38% e com o mesmo percentual o convite por pessoas que freqüentam grupo de oração paroquial. Concorrem também, em menor percentual (0,38%) grupos de adolescentes e de jovens, acampamento, pastoral, seminário, encontro nacional de universitários católicos, encontro

nacional da RCC, primeira eucaristia e a tradição católica, isto porque os pais são católicos, embora haja a influência da família os depoentes fazem esta distinção.

Da visão individual, do jovem que participa do GOU, especialmente, aquele que faz parte de uma caminhada na Igreja quer por meio da participação em grupo de jovens, pastorais e no próprio GOU por mais tempo, percebe-se a absorção do discurso oficial da Igreja centrado nas orientações passadas nos textos como cartilhas, encontros e seminários, embora comprometidos pela falta de clareza como se evidencia nos relatos sobre a origem da RCC ou o próprio GOU. Já quanto às questões de cunho teológico, fica clara a fé no Espírito Santo, em Maria, e o conhecimento dos dons do ponto de vista da doutrina fundamentados nas referências bíblicas já mencionadas.

A média da frequência na participação do GOU entre os pesquisados é de um ano e seis meses, variando em quatro anos os que participam por mais tempo e um mês um único participante entre os coordenadores de GOU. Já os participantes de GOU têm uma média de seis meses, variando a frequência ao GOU entre dois anos, tempo maior e um mês, o menor tempo.

A participação no GOU revela um renovar constante das pessoas de um para outro semestre e mesmo de uma para outra reunião.

Há, porém, um grupo menor que permanece coeso.

Do ponto de vista da convivência, há larga movimentação dos jovens nas Igrejas, demonstrando a não fixação em um único serviço ou uma mesma Igreja (paróquia). Assim, participam das reuniões em GOU, transitam em outros GOUs, assistem missa em uma Igreja, participam de um grupo de jovens em outra e ainda participam de reuniões e outros serviços, especialmente na Associação Servos de Deus, ou outras Secretarias, de forma esporádica.

Essa movimentação dos jovens indica o início de um processo de quebra dos limites e do isolamento das paróquias, mesmo concebendo o esforço que a Igreja tem feito no sentido de manter a sua unidade. Pode indicar, também, a insatisfação do jovem na sua paróquia, ou mesmo a sua própria necessidade de busca do novo, de conhecer o diferente. Outras indagações, no entanto, não fizeram parte das intenções desta pesquisa.

Marcos – cuida da evangelização dos jovens, propõe orientar os Grupos de Oração das paróquias e das redes escolares.

Marta – “desperta para a luta pelo resgate da condição da filiação divina, buscando inserir a todos na vivência da caridade em prol do bem comum, tendo o Grupo de Oração como um lugar privilegiado para viver a justiça, a misericórdia e a solidariedade”. (Congresso de Secretarias, Goiânia, 2001) e, ainda, divulga, orienta e estimula a promoção humana por meio de iniciativa de assistência social dos excluídos, menores abandonados, drogados, presos, doentes.

Além destes, outros projetos que também fazem parte da Ofensiva Nacional:

Fraternidade – orienta a formação de Grupos de Oração.

Magnificat – cuida dos retiros para religiosas.

Renascem – orienta a formação de seminaristas engajados na RCC.

Cristo Sacerdote – mantém contato e integração com os sacerdotes que fazem parte da RCC.

Jornal “Jesus é o Senhor” – responsável pelo jornal oficial da RCC.

Matias – articula as iniciativas de ação político-partidária.

O movimento carismático católico iniciado por meio de adeptos das classes médias (média 23%, média popular 29%, média baixa 8% - Cf. CARRANZA, 2000:48) agrega, ao mesmo tempo, na Igreja, esta representação social, de onde saem suas lideranças, seus dirigentes e as classes populares, buscadas por meio de suas ações que incentivam a

participação das massas. Para isto promove grandes encontros como o Cenáculo, um megaevento que lembra o dia de Pentecostes (At 2,1-13. Cf A Bíblia de Jerusalém, 1995: 2048-9). Reúne grande público em oração durante um dia, “atraído pela promessa de curas físicas e interiores, de que milagres acontecem e de receber um conforto espiritual”. (CARRANZA, 2000:53)

O evento conta com a participação de pregadores oficiais da RCC e com a animação das bandas de música religiosa.

Constitui um espaço para a divulgação dos produtos religiosos, da exercitação dos carismas de cura, glossalalia, celebração da eucaristia, com repercussão na mídia.

Outro encontro que aglutina grande público, especialmente jovens, é o Rebanhão ou Encontrão. Trata-se de um retiro que se inspira na experiência vivenciada pelos judeus antes da páscoa, comemorando a alegria, o Carnaval que ao longo da história transformou-se em festa, comemoração profana. Durante o período em que o mundo profano comemora o Carnaval, grande número de pessoas se reúne para participar de orações de louvor, pregações, eucaristia, vivendo muita animação ao som de músicas religiosas. Esses eventos vêm ocorrendo no país, em várias cidades como o SEARA que acontece anualmente na Universidade Federal de Viçosa – MG, reunindo cerca de 7000 pessoas (Cf. Cartilha Universidades Renovadas, 2000:28); Campinas – SP (1994) participaram 1200 jovens; Itaiçi – SP (1994) com a presença de 350 Jovens; Valinhos – SP (1996) 3000 participantes; Indaituba – SP (1997) 2000 jovens de 25 cidades. (Cf CARRANZA, 2000:54).

Além destas iniciativas, os barzinhos de Jesus são os locais de reunião do público adolescente e jovem, onde ocorrem manifestações religiosas, shows de bandas musicais, músicas cantadas, oportunidades de doutrinação e catequese. Serve também como espaço para a socialização onde as pessoas comem, bebem e dançam, vivenciando o Jesus alegria.

A música em ritmo de rock, samba e heavy metal o meio para atrair o público de cerca de 500 pessoas, 80% delas adolescentes e jovens, aos domingos, no salão paroquial (Cf. CARRANZA, 2000:54-5).

Conforme as diretrizes do Conselho Nacional, a RCC promove os Seminários de Vida no Espírito (SVES) para os iniciados que recebem a denominação de servos. Assim estão preparados numa visão de santificação individual, a pessoa se prepara para sua vida familiar, profissional, social e eclesial.

Os SVES acontecem por solicitação dos párocos ou coordenadores de grupo de oração, com a intenção de marcar a presença da RCC em outros lugares. “Os SVES, garantem a identidade da RCC (...), permitem a formação de suas lideranças, treinando-as no desenvolvimento dos diferentes dons ou carismas.” (CARRANZA, 2000:51).

O avanço da RCC ocorre com a presença de todo um suporte que garante a preparação e permanência das lideranças que alternam posições de comando nos diferentes serviços. Além de integrar membros dirigentes, nos quadros de formação da Igreja. No caso de sacerdotes ou dirigentes leigos que passam a integrar cursos pós-graduados nas Universidades Católicas. Ou ainda favorecendo a formação seminarística ou diaconal dos jovens da demanda leiga carismática.

Percebe-se neste caso, que a RCC contribui para a ampliação do quadro clerical da Igreja, ao mesmo tempo que especializa suas lideranças. E assim, assegura a presença leiga na Igreja, embora sob a orientação e controle clerical, porém mantendo uma identidade carismática que satisfaz os segmentos das classes médias e populares, além de satisfazer a ala conservadora da Igreja.

3.4. Projeto Universidades Renovadas (PUR)

3.4.1. Caracterização

O projeto Universidades Renovadas (PUR) é uma iniciativa, em 1994, da Renovação Carismática Católica, que na expectativa de conciliar fé e razão, depois da Encíclica papal *Fides et Ratio*, criou o Grupo de Oração Universitário (GOU).

No início, fazia parte da Secretaria Marcos da RCC, responsável pelo trabalho de evangelização da juventude, inspirado nos Atos dos Apóstolos (cap. 5, 28 – Cf. Projeto Universidades Renovadas. Cartilha, 2000: 20).

Dado o seu crescimento. O projeto passou a constituir uma nova Secretaria Lucas, cujo nome lembra o evangelista que teria sido médico (Cl. 4, 14 – A Bíblia de Jerusalém, 1995:2216).

O projeto tem por objetivo renovar as universidades do Brasil por meio dos Grupos de Oração Universitários, formados por católicos.

A Secretaria Lucas conta com o apoio de uma equipe, a nível nacional que dá suporte ao projeto (PUR). Esta equipe é formada por “representantes estaduais, por um secretário nacional que mantém um vínculo com a Comissão e o Conselho Nacional da RCC, por um sacerdote que faz a orientação espiritual e por mais quatro integrantes que coordenam os serviços de tesouraria, comunicação, informática / internet e intercessão” (op. cit p. 21).

O projeto Universidades Renovadas – Secretaria Lucas, com previsão para a participação de 2500 estudantes universitários, realizou em julho de 2000 o 5º Encontro Universitário Católico Carismático na capital paulista, após ter promovido desde 1996, quatro encontros conforme o quadro a seguir:

ENUCC – QUADRO DE PARTICIPAÇÃO

Ano	Local	Participantes	Instituições	UF
1996	Belo Horizonte-MG	230	42	10
1997	Belo Horizonte-MG	520	84	12
1998	Presidente Prudente-SP	1050	188	17
1999	São Paulo-SP	1200	---	---

Fonte: Jornal de PARTILHA, Ano III, n°14, Maio/2000. p.4.

Esta experiência de participação religiosa no seio da Universidade, levou-nos a indagar por que o jovem universitário se interessa por este tipo de ação. É sabido que a Universidade, desde a sua origem milenar tem sido entendida como espaço da crítica, da pluralidade. Tem-se posicionado em confronto com as doutrinas religiosas, e especialmente no caso das Universidades Cristãs conviveu com o paradoxo “fides et ratio”, sobremaneira no discurso secular da modernidade. No caso brasileiro, a Lei de diretrizes e bases da Educação Nacional n° 9.394/96, considera Universidade a articulação entre “ensino-pesquisa-extensão”, privilegiando áreas epistemológicas que respondem pela visão plural de mundo, intercambiando interdisciplinaridade, multiculturalismo, globalização. Neste contexto a Igreja propõe FÉ e RAZÃO (fides et ratio):

“como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade e, em última análise, de conhecer a ele, para que, conhecendo-o e amando-o, possa chegar também à verdade plena sobre si próprio” (CARTA ENCICLICA FIDES ET RATIO DO SUMO PONTÍFICE JOÃO PAULO II aos Bispos da Igreja Católica. 4 ed. São Paulo; Paulinas, 1999. (n.160).

Há neste sentido um esforço ou determinação para se chegar ao conhecimento quer seja pelo olhar da crítica científica ou pelo olhar teológico da fé. Nossas indagações

foram: qual a posição que o jovem universitário, adolescente, meio adulto estaria escolhendo como trajetória na busca do saber?

Como afirmamos anteriormente, a sociedade assiste a um filme de morte, que gera nele o medo, a insegurança, seria o GOU o espaço que fornece ao jovem a confiança, a segurança, a esperança, a alegria, o engajamento na comunidade?

Compartilhar, partilhar da convivência comunitária no GOU teria o sentido de resguardar, salvar o jovem do mundo perverso que o persegue: drogas, luxúrias, depressão, do stress, enfim viver de forma saudável, alegre, preservada? Que função desempenham para o jovem os dons carismáticos e os ministérios que se desenvolvem na prática dos carismas presentes no GOU?

Assim, o GOU, assume, para o jovem o significado de passagem daí não ser relevante a permanência. Esta se busca na convivência comunitária por meio do engajamento nas ações ministeriais, instâncias de realização dos dons, carismas. Por isso, além do GOU, há em oferta, no meio carismático católico, circunscrito nas secretarias, muitos serviços e até comunidades sistematicamente organizadas.

O engajamento na comunidade pode ter o significado da aceitação da condição do jovem ser SERVO de DEUS. Este, supõe-se, deve ser o encontro maior do HOMEM ou MULHER, da criatura com o Criador. Neste sentido a RCC contribui para ampliar o rebanho, fortalecer os carismas, inclusive o carisma de função necessário à manutenção da hierarquia, igreja institucional, na medida que inspira o dom.

3.4.2. Presença do GOU em Goiânia

3.4.2.1. Organização e funcionamento do GOU

Goiás conta hoje com 26 GOUs e seis Grupos Secundaristas. A experiência do GOU se espalha em todo o país e já ultrapassa a fronteira nacional por meio da INTERNET.

Num crescendo, por meio da Secretaria Lucas da RCC, um grupo formado por sete jovens estudantes após participar do SEARA/95, na Universidade Federal de Viçosa (UFV), Minas Gerais, dava início em Goiânia à formação dos primeiros grupos de Oração Universitário (GOUs), nas Universidades Federal e Católica de Goiás: “éramos dois pequenos grupos de ‘medrosos-corajosos’ com fé na ação de Deus” – afirma FRANCO que atua na Secretaria Lucas em Goiânia in Jornal de PARTILHA, ANO III, n.14, Maio/2000 p.8).

Da modesta iniciativa, por parte desse pequeno grupo, o GOU se fez presença em Goiânia sendo detectadas 20 GOUs no período de realização da pesquisa (07/09/00 – 15/05/01). Porém a Agenda dos GOUs de Goiânia / Coordenação do Núcleo registra no mesmo período, a presença de 18 GOUs. Embora as orientações para criação de GOU recomende procurar a coordenação do PUR da Diocese ou procurar o coordenador de algum GOU do Estado ou da cidade a qual pertence, ou ainda, procurar um sacerdote para adquirir experiência, sabedoria e manter o grupo ligado à Igreja local (Cf. Cartilha Universidades Renovadas, 2000:33).

Em Goiânia, os GOUs em funcionamento, isto é, aqueles que se reúnem semanalmente, compõem-se de alunos dos diversos cursos das faculdades e universidades, a saber:

Faculdade Anhanguera

GOU “Vem louvar” que reúne na 3ª feira das 20:15 as 20:30h;

Faculdade Objetivo

GOU “Bacia e Toalha” – reúne na 3ª feira das 20:35 – 20:50h, corresponde ao GOU com maior frequência, cerca de 70 participantes;

UNIP

O GOU UNIP reúne na 4ª feira durante 25 minutos, das 20:35 às 21:00h;

Universidade Salgado de Oliveira

GOU Universo reúne na 4ª feira das 21:00 às 21:15h;

Universidade Federal de Goiás

Com a maior participação possui:

GOU Direito e Pedagogia – reúne na 6ª feira das 20:10 às 20:30h;

GOU Letras – reúne na 2ª feira das 09:00 às 09:10h;

GOU Música – reúne na 6ª feira das 10:00 às 10:15h;

GOU Enfermagem – reúne na 2ª feira às 13:00h

GOU FCHF – reúne na 4ª feira das 09:00 às 09:15h;

GOU ICB IV – reúne na 5ª feira às 11:40h;

GOU FACOMB – reúne na 5ª feira;

GOU Matemática – reúne na 4ª feira das 15:00 às 15:15h;

GOU Engenharia – reúne na 3ª feira das 09:10 às 09:20h.

O GOU da UFGO marca presença em todas as áreas. Embora a agenda não tenha registrado, o GOU da Medicina e Faculdade de Nutrição, continuava ativo, no período em que foram feitas as observações, no transcorrer da pesquisa.

Universidade Estadual de Goiás – UEG

GOU da Escola Superior de Educação Física e Esportes – ESEFEGO. Nesta unidade existe também um grupo de oração de profissionais, que se reúne após o expediente

do turno vespertino por volta das 20:00h em um dia da semana que varia conforme a disponibilidade dos participantes.

Centro Federal de Tecnologia – CEFET

GOU “Renovados em Cristo” – reúne 2ª e 5ª feiras das 12:00 às 13:00h.

Universidade Católica de Goiás conta com os seguintes GOUs:

GOU “Maria de Nazaré”- reúne na 3ª feira das 08:30 às 08:55h.

GOU “Relações Internacionais” – reúne na 3ª feira das 16:40 às 17:00h

GOU da Zootecnia – não consta na agenda. Tem criação recente.

GOU da Área I - não consta na agenda. Tem criação recente, 2001.

GOU “Unidade, Carisma e Graça” – reúne na Área III . É coordenado por um aluno do curso de Arquitetura e Urbanismo. Reúne na 5ª feira, das 20:15 às 20:30h. Na maioria das vezes, a reunião estendia-se até às 20:35 ou 20:40h, com as pessoas saindo apressadas porque tinham aula a seguir. Mesmo assim, geralmente, o bate-papo sobre as questões vinculadas ao GOU prosseguiam, entre alguns participantes e o coordenador do grupo. Demonstração de interesse às questões do GOU, quais sejam: oração, os eventos e a própria caminhada no GOU.

Na Universidade Católica de Goiás, os GOUs estão presentes nas seguintes áreas: I (Ciências Econômicas, Contábeis, Administração, Turismo e Agronegócios e Secretário Bilingüe), Área II (Relações Internacionais, Filosofia, Educação, História, Geografia e Letras), Área III (Arquitetura e Urbanismo, Engenharia Civil, Elétrica, de Produção, Matemática e Física, Ciências da Computação, Design), Área IV (Psicologia, Enfermagem, Direito, Biologia) e Área VI (Zootecnia).

3.4.2.2. Preparação das reuniões

Os grupos de oração universitários são dirigidos pela coordenação do Núcleo Diocesano da Secretaria Lucas / RCC, contando com a presença dos coordenadores de GOU e membros do Núcleo. Já passaram pelo Núcleo cerca de 16 pessoas, contando atualmente com 12 membros efetivos. A saída das pessoas do núcleo está relacionada ao fato de as pessoas terem concluído o curso superior e optado em desenvolver seus serviços em outras secretarias. A pesquisa não levantou outros motivos acerca da saída de membros do Conselho.

Conforme as orientações veiculadas na Cartilha Universidades Renovadas – um sonho de amor para a América / Projeto Universidades Renovadas – Secretaria Lucas da RCC do Brasil, 2000:33ss, o núcleo é um órgão que decide quanto ao GOU. Tem a incumbência de preparar as reuniões semanais e auxiliar o coordenador de GOU e deve manter-se atento aos dons e ao chamado de Deus: “não sereis vós que falareis, mas Eu que falarei em vós” (Mt 10, 19).

O Núcleo deve ser forte e com uma vida de oração contagiante. Em Goiânia, o Núcleo criou o que os participantes denominam “GOUZÃO” que trata de uma reunião semanal com os coordenadores de GOU e a participação da Coordenação e membros do Núcleo. Esta reunião tem o sentido da partilha e preparação da caminhada nos GOUs. Segundo o relato, em conversa com os coordenadores, tem contribuído para melhorar a caminhada, oferecendo mais segurança àqueles que coordenam GOU. Especialmente, porque esclarece quanto às dificuldades, que os GOUs enfrentam no seu dia a dia, como o local de realização das reuniões, horário, uma vez que os estudantes estão em processo de aulas. Dificuldades para a produção de materiais das reuniões e divulgação do GOU, embora tenham contado com o apoio do núcleo, da pastoral da universidade, das famílias, enfim de pessoas dispostas a ajudar. No entanto, o apoio ainda é incipiente, face às necessidades que surgem,

hodiernamente, no campo da condição material para a realização dos objetivos propostos pelo GOU, além dos conflitos que se colocam na relação burocrática da Igreja. Há a recorrência à oração, enquanto busca inspiracional da PALAVRA de Deus e favorecimento para encontrar os meios de solução dos problemas (cotidianos). Deixa claro também que a Igreja Institucional não responde às necessidades do grupo ficando as ações à mercê dos membros coordenadores leigos que buscam nas instâncias do voluntariado as doações que nem sempre são suficientes, quando, se sabe, no caso do GOU, que para o trabalho / serviço pastoral as possibilidades são mais favoráveis como ocorre com o espaço físico cedido pela direção da Universidade e sua mantenedora.. Esta postura sugere a presença do Dom da profecia, conforme citação supra (Mt 10,19) que aparece na pesquisa, no depoimento dos coordenadores de GOU.

O núcleo, pequeno grupo de pessoas que assume o grupo todo em suas orações, sacrifícios e ministérios, tem a intenção de manter a coesão e boa ordem do grupo. “É de grande importância que os membros do núcleo sejam submissos e saibam ouvir o coordenador, que recebeu de Deus uma graça especial para coordenar. Além da responsabilidade e fidelidade, é indispensável estar sempre disponível para assumir tarefas”. (Cartilha Universidades Renovadas, 2000:70)

O núcleo visa a motivar o grupo a uma oração centralizada no Senhor Jesus sob o poder do Espírito Santo. Deve ser unido e ter a confiança de todos. O que supõe uma condição para o desenvolvimento do carisma conforme nos sinaliza WEBER.

Mesmo assim a condição de adesão do séquito se coloca de modo tênue na medida que há migrações de um para outro GOU, comprometendo a continuidade. Aliás o GOU por si só não significa um espaço permanente visto que, na sua maioria, os participantes se renovam nas reuniões e de um para outro semestre letivo pois os participantes são

estudantes. A intenção do GOU é preparar cada um enquanto disseminador da PALAVRA sendo o carisma o ponto-chave desse processo.

3.4.2.3. Ritual da Reunião

- Acolhida

Os alunos reúnem-se nos intervalos das aulas, por cerca de quinze minutos. Neste parco espaço de tempo desenvolve-se o ritual.

Em clima de descontração, geralmente de pé, os participantes são cumprimentados, acolhidos, com palavras, abraços, beijos.

Em meio às saudações transcorre um breve bate-papo, enquanto o coordenador vai organizando o ambiente para dar início à reunião.

Cada participante que chega, imediatamente, vai se integrando ao grupo reunido em círculo.

Em círculo, os participantes acompanhados pelo animador, entoam cânticos de entrada, utilizando-se, além da música, da linguagem gestual, na interpretação do texto musical.

Após a acolhida o ritual prossegue com o louvor. Cada um faz o seu glória a Deus.

- Louvor

No início da reunião, geralmente, como já afirmamos anteriormente, as pessoas ficam em círculo, em pé. Por meio de oração ao Pai, o Sinal da Cruz, ou invocação ao Espírito Santo, fazem a oração do Pai Nosso. Ou recorrendo ao canto de louvor, com forte emoção e em linguagens gestuais, todos cantam, às vezes, acompanhados ao som de um violão, cânticos, como:

“Deixa a luz do céu entrar”

“Podes reinar Senhor Jesus”

“Alegria está no coração de quem já conhece a Jesus”

“É tão bom estar aqui junto com o meu Senhor”, entre outros.

Enquanto o grupo canta, permanece a incentivação pelo coordenador e animação, exercida por quem dirige a música.

Em seguida, ao mesmo tempo, todos oram louvando ao Senhor, ocasião em que são feitos os agradecimentos.

Cada um faz sua oração, em viva voz, enquanto o pregador sugere: “cada um deve orar do seu jeito”.

Em geral, uma música, é novamente inserida, como:

“Ninguém te ama como eu”

Continua o clima de emoção, já como preparação para o anúncio da palavra, quando se desenvolvem os temas, relacionados às passagens bíblicas, e ao cotidiano da vida familiar e universitária.

Continua a reunião com orações espontâneas, agradecimentos e louvor a Deus.

- Pregação

Durante o ritual a música se faz presente ora cantada, ora só tocada como pano de fundo, dando ao ambiente um toque de leveza e emoção. Ao final, novas orações, louvores a Jesus, Deus Pai, Espírito Santo e a Maria, Mãe de Jesus e de toda a humanidade.

A pregação, nas reuniões observadas, desenvolveram-se a partir das temáticas:

“Acolhida. Deixe a luz do céu entrar” que abriu a primeira reunião do semestre letivo (07/03/00).

“Maria intercessora e mãe de todos” sempre fazendo alusão à Mãe de Deus e seus filhos, a família e suas relações internas.

“Ser católico não importa onde esteja”, neste tema, percebe-se a preocupação com a pertença, com uma identidade do católico naquilo que faz e que é ou deve ser.

“Somos filhos chamados a estar com o Pai”- conclama a todos ao serviço, a participar em lugar de reclamar.

“Paciência diante dos outros e das dificuldades” – relaciona questões da convivência familiar e universitária. A paciência com cada um dos membros da família, com os professores e funcionários da universidade.

“Paz e luz – Deus está presente em nossa vida”

“Justiça e amor de Deus”

“Quem são os inimigos de Deus?”

“Louvor a Deus”

“Natal – aparição do Anjo, Maria recebe o Espírito Santo”

“Agradecimento e preparação para continuar a caminhada” – nesta reunião refletiu-se sobre as dificuldades enfrentadas, agradeceu-se a Deus e sugeriu-se pensar / buscar novas metodologias que concorressem para o crescimento do GOU. Como fazer a divulgação do GOU e melhorar os serviços.

“O amor de Deus é para todos” – abriu a primeira reunião do semestre (01/03/01)

Neste semestre, os temas abordados trataram de questões objetivas, supondo atender mais à expectativa do jovem que busca o GOU com a intenção imediata de solucionar problema de ordem pessoal. Credo que o GOU seja o espaço que propicia a mudança, como atesta o depoimento:

“O GOU para mim é o local onde posso ter um reavivamento de minha fé e minha esperança através da oração minha e de meus irmãos. Aqui, percebo como amar a Deus é satisfatório e maravilhoso, e ser amada por Ele é algo grandioso, pleno, singular. No Grupo de Oração posso criar laços, fazer amigos verdadeiros, e também meditar a palavra e crescer. Posso sonhar com universidades novas, cheias da graça e com um mundo melhor, mais humano.”

(Esperança – Goiânia/2001)

“Ser católico e ser cristão: Deus no universo racional do homem” – Este tema enfatiza a proposta do PUR que “acredita não só ser possível conciliar fé e razão, mas também anunciar Jesus Cristo na Universidade. O que significa que a RCC estaria, ao mesmo tempo, retomando um assunto polêmico, atendendo ao chamamento do Papa João Paulo II acerca do anúncio: Jesus Cristo é o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6 in Encíclica Fides et Ratio, 1999:6) e impulsionam a evangelização, entendendo que “os estudantes de hoje serão as lideranças econômicas, educacionais, políticas, médicas, administrativas de amanhã”. (A Cartilha, 2000:20).

Deste modo, a RCC estará preparando o seu contingente leigo, enquanto carismático católico, o que supõe, também, a preparação da classe dirigente laica, formada por intelectuais, legitimando o espaço da classe dirigente da RCC, pois trata de pessoas portadoras de títulos, não só do conhecimento da doutrina.

Por outro lado, fortalece a participação da classe média, representada pelos intelectuais, no meio carismático católico, como lembra GRAMSCI ao referir-se aos

intelectuais orgânicos no meio clerical. Neste caso, porém, fortalece a participação laica na Igreja, embora contida pela obediência e disciplina mantidas na burocracia da Igreja e aceitas pela RCC, enquanto condição expressa pelo Papa (Os papas falam 1998,31-2) e pelos Bispos (Cf. Orientações pastorais in Documentos da CNBB – 53, 1994:15-19).

“Sexualidade: namoro cristão”.

Este tema foi o mais concorrido face à frequência que contou com 30 participantes. O tema abordou as questões do ponto de vista moral, salientando a moral cristã, o respeito e o compromisso mútuos e a castidade.

Reflexão sobre a questão da pessoa vista enquanto imagem e semelhança de Deus. Alerta ao descompromisso com o outro, no caso daquele que simplesmente “fica”, indicando um pré-namoro, que em geral não tem prosseguimento. Os riscos de um namoro afoito, sem conhecimento um do outro com a consequência da aquisição de doenças como a AIDS ou ainda uma gravidez inesperada, “sem se lembrar com quem transou” (palavras do pregador)

À reflexão, sugere-se um namoro como: proposta cristã, crescimento afetivo; amadurecimento.

O jovem pregador fala o que o outro (jovem) entende. Ao referir-se sobre a masculinidade, lembra: masculinidade não se prova e esclarece que as relações sexuais nem precisam ser antecipadas, nem provadas, como teste de masculinidade.

Neste aspecto, percebe-se que o discurso da pregação segue as orientações do catecismo da Igreja sobre a castidade, não considerando outras implicações de cunho psicológico ou biológico, além de outras. Mesmo assim, manteve toda a assembléia interessada o tempo todo.

“A presença de Deus em nossa vida – Deus é alegria, Deus é amor”

A pregação inicia com o depoimento sobre o convite que Deus faz – “Deus chamou você e quer ver a sua face”. “O caminho que Deus aponta é alegria, é amor”. Após o relato da experiência com Deus, isto é, do convite feito para ingressar no GOU – o sonho que transformou minha vida – diz a depoente, o pregador introduz a palavra, citando os Apóstolos Pedro e João, presos porque pregaram a palavra de Deus (não houve a citação do texto bíblico em referência). A pregação reafirmou a importância do PUR para a formação de profissionais em Deus, ratificando o relato inicial da jovem, hoje, já formada que como acadêmica, atendendo ao chamado, participou da criação de um GOU na instituição onde estudou e formou-se (Ex-aluna do Curso de Nutrição da Universidade Federal de Goiás).

Na pregação predominou o uso da palavra. Embora a música tenha sido relevante enquanto espaço de envolvimento e emoção, mantendo o grupo aparente recolhimento enquanto despertava a atenção de quem passava pelos corredores da Universidade.

Há em seguida à pregação da palavra os testemunhos.

- Partilha

Ocorrendo em algumas reuniões, a partilha teve o sentido do relato das experiências com Deus vivenciadas pelos participantes traduzidas como encontro com Deus o fato de ter sido chamado para participar de um GOU, da celebração de uma missão e a partir daí ter-se sentido “tocado”, segundo os depoentes, pelo Espírito Santo, despertando algum dom, como o da “pregação”, cantar.

A partilha representou, também, o espaço sobre a solução de algum problema acadêmico, como ter saído bem em uma prova, apesar das dificuldades com a falta de tempo para preparar-se para a prova, atribuindo o êxito às proteções recebidas de Maria e de Deus. Ou ainda, problemas familiares como desentendimento entre as pessoas da família, a presença

das drogas no meio familiar. Tudo fica resolvido graças à conversão e a mediação de Maria. Os relatos não apresentam outros motivos que possam ter concorrido para as transformações. O que supõe a transferência para a solução dos problemas cotidianos para o plano transcendente, uma vez que, do ponto de vista da realidade concreta as pessoas não acreditam ser possível resolver seus problemas que, geralmente, têm origem na sociedade, vista no seu todo, enquanto sociedade global.

- Avisos

Às reuniões dos GOUs, geralmente, desdobram-se tarefas, serviços quer para fomentar o próprio GOU divulgando-o nos meios acadêmicos e escolares, quer para preparar para as realizações de eventos tais como: seminários, encontros, como: o ENUCC, cursos ou outros eventos promovidos pela Ofensiva Nacional por meio da Secretaria Lucas ou dos Serviços como a Associação Servos de Deus. Divulgação de Outros GOUs ou outros eventos da RCC nas Igrejas.

Ou mesmo para atrair mais adeptos como o evento “Circuito Show de Bandas Católicas” com apresentação nas áreas acadêmicas da UCG.

Há por traz da realização das reuniões de GOU toda uma preparação, com evocação do Espírito Santo para iluminar na escolha do tema e do texto, pois seus integrantes consideram o GOU um espaço para evangelizar e difundir a PALAVRA.

Toda esta preparação cinge-se das ações gratuitas dos dons que recebidos de graça, de graça são doados e pela caridade se retornam em graças àquele que doa.

- Oração

A reunião sempre inicia-se com oração. Todos faziam a sua oração espontaneamente.

O grupo como um todo, apoiado na orientação do coordenador, abria e terminava a reunião com o Sinal da Cruz, invocando a Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo e

Maria, Mãe de Jesus e de todos e a oração do Glória. Às vezes também outras, como o “Santo Anjo do Senhor”.

O encerramento era sempre precedido da Oração do Pai Nosso, da Ave Maria e do Glória ao Pai.

Excepcionalmente, a Salve Rainha.

A reunião encerrava-se com a expressão em coro: “Deus é Dez, Yes!”

CAPÍTULO 4 – EXPERIÊNCIA RELIGIOSA NO GOU

4.1. Desencantamento do mundo

A sociedade humana em geral, assiste hoje ao desenrolar de um filme de morte que a todos intimida e assusta: propaga a devassidão, a criminalidade, o medo, a insegurança, a exclusão.

O estabelecimento de uma ordem econômica, política e social fundamentada na racionalidade, na ciência e na tecnologia terminou concorrendo para a geração de um clima de perplexidade. Quer pelo espanto ante o avanço da engenharia genética, DNA, projeto genoma, medicina nuclear ou pela insegurança gerada pela “guerra fria”, e conforme ressalta MORAIS (1988;95) pelas sombras de The Mile Island e Chernobyl ou mesmo o cézio 137 em Goiânia, as drogas, a luxúria, o “desencantamento do mundo”.

Este quadro de vida e morte nos encaminha à busca de respostas aos problemas que vão se ampliando. Desvendar estes mistérios, descobrir, refletir e analisar o fenômeno tem sido a motivação humana na busca do conhecimento.

Assim, supomos que categorias como sagrado, profano, religião e carisma, contribuam à compreensão acerca do fenômeno carismático católico no universo da modernidade e pós-modernidade, se considerarmos que este movimento religioso não está isolado do contexto mais amplo das relações político-sócio-econômicas e culturais.

O fenômeno religioso vem ocupando os espaços das discussões desde o final do século XIX e especialmente no século XX quando teóricos como DURKHEIM, WEBER, BERGER, para não citar outros, se deram conta da existência de uma Sociologia da Religião.

DURKHEIM ao desenvolver seu estudo sobre a definição do fenômeno religioso e da religião, analisa desde as formas primitivas de representação do sagrado, destacando o **totem** como forma elementar da religião. Para ele as formas totêmicas são expressão de vida social do clã e o **totem** símbolo do social. A religião constituía-se de crenças e ritos resultantes da consciência coletiva, portanto desprovida da presença do mistério e da divindade. O “culto cria uma experiência social de salvação que conduz o homem acima das suas experiências profanas, mas não se trata propriamente de transcendência” (SANTIDRIÁN, 1996: 148).

A análise weberiana acerca do fenômeno religioso e da religião submete-se à compreensão do tipo ideal denominado por ele: espírito do capitalismo. Sua reflexão centra-se nas relações de troca, demonstrando não ser a acumulação material de bens e capital a fórmula geradora do capitalismo moderno, mas a geração de um espírito do capitalismo. Toma, neste sentido, a organização da empresa capitalista como dado concreto ao fomento do capital.

Tomando-se por base a ordem político-econômico social da Europa Medieval, percebe-se as dificuldades que este tipo de organização encontrou ao confrontar-se com os princípios da moral cristã católica predominante no Ocidente que proibia a política de juros, de lucro com a adoção da usura como um pecado que levava o homem à perda de sua salvação. Este impasse, segundo WEBER, resolve-se com a ética protestante que se apóia no calvinismo e doutrinas ascéticas ao ressaltar no trabalho a vocação – “fruto de um ascetismo mundano, oposto ao ascetismo católico em dois pontos fundamentais: primeiro, no seu caráter

de método de ação no mundo, e, segundo, na valorização do sucesso econômico (QUINTANEIRO, et al, 1995: 132).

O trabalho de WEBER assenta-se na exaustiva pesquisa que desenvolveu acerca das religiões fundamentando sua teoria da religião na racionalização. Seu estudo parte da leitura da evolução das imagens religiosas de mundo de onde decorre a noção de **desencantamento do mundo**, cerne de sua discussão (Cf. HABERMAS apud ARAÚJO, 1996: 111-112).

A leitura de WEBER acerca da sociologia da religião, conforme sinaliza Habermas, “emerge da sociedade moderna ocidental (...) e é explicada em termos de um processo de racionalização, no qual as religiões universais, em particular o cristianismo, tiveram um papel preponderante” (ibid p.117).

WEBER aponta para o pluralismo de valores do mundo moderno no qual religião e ciência estão sob tensão (guerra entre deuses e demônios); assim, “a religião fornece sentido à vida, dando respostas às questões vitais da existência humana, mas não se trata de um saber positivo”. A ciência, ao contrário, cumpre esta última tarefa, à custa, porém, de um esvaziamento do sentido profundo do mundo (ibid p. 119).

O “desencantamento do mundo”, apontado por WEBER (1982:182), deixa margem a um pessimismo. Mesmo assim WEBER criou um jeito novo para ler o fenômeno religioso. Sem dúvida sua contribuição à sociologia da religião deixa até hoje espaços para a compreensão deste fenômeno que no final do último milênio torna-se um foco das atenções dos homens e mulheres que se interessam pelas ciências da religião.

“A ação cuja motivação é religiosa ou mágica aparece em sua existência primitiva orientada a este mundo. As ações religiosas ou mágicas devem realizar-se para que ‘vós bem e vivas longos anos sobre a terra’. (WEBER, 1997:328). O jovem universitário sente-se fragilizado ante as intempéries do mundo tais como as drogas, o consumismo, a

insegurança à integridade física, psicológica e espiritual que permeiam as relações humanas na contemporaneidade. Como atesta o depoente:

“Na universidade a gente se sente meio sozinho e carente. Dentro do GOU a gente encontra pessoas que passam pelas mesmas carências e dificuldades e, com isto, a gente cresce muito no conhecimento de Deus e dos irmãos.”

(Mateus, Goiânia/2001)

A ausência do sagrado traz ao jovem a solidão, o vazio. O prazer não se revela para ele nas relações cotidianas mundanas. O jovem quer segurança e prazer. O Grupo de Oração representa, para o jovem, a possibilidade de sua aproximação com o sagrado, divinizado, seu Deus, como se percebe na afirmação:

“a gente precisa estar inserido dentro de um grupo de pessoas e nada melhor que estar junto de pessoas cheias do Espírito Santo e querendo viver na santidade.”

(Mateus, Goiânia/2001)

O ‘desencantamento do mundo’ sintetiza-se, no depoimento do jovem, enquanto imagens profanas que geram incerteza, insegurança e desconfiança, confirmadas na desarticulação da família, nas mass média veiculadas na radiodifusão, TV e na Internet, no uso das drogas, no cotidiano da Universidade, enfim, no quadro de desolação de um mundo que se afastou de Deus.

No depoimento de um jovem participante do GOU e do Núcleo,

“Grupo de Oração Universitário são mais que palavras, é uma opção de vida num determinado momento de nossas

vidas. Ser Lucas (aqui o depoente faz uma relação com o PUR) é ser guerreiro de Deus em meio a um povo sem rumo e sem deus que levou a palavra de Deus a um lugar que muitas vezes reina a corrupção, o cigarro, a injustiça, a bebida, a desonestidade, as drogas. Ser Lucas faz parte da vida de salvação que pretendemos trilhar, é ser missionário. Buscando a fé, levando a esperança e plantando o amor. Ser Lucas é tentar incessante – dar exemplo a tudo e a todos sobre tudo e sobre todos.

Neste depoimento busco também uma auto reflexão sobre o que sou e o que faço mas sei se fosse diferente certamente seria pior.”

Lázaro de Deus

(Reunião dos Coordenadores de GOU / ASD – Goiânia, maio/2001)

4.2. Encantamento

Na leitura de WEBER, a ação religiosa tem dois aspectos relevantes. Primeiro aproxima o homem do sagrado no aqui e segundo, uma vez realizada, traz o bem estar, a esperança em oposição ao “desencantamento do mundo”.

A religião que se evidencia, por meio do movimento carismático católico, parece apresentar-se ao jovem como um porto seguro na medida em que acena para o Reino (sagrado) enquanto possibilidade real de participação, ancorada na inspiração (sopro) do “Espírito Santo de Deus” e na proteção de “Maria Santíssima”, mãe de todos por doação de

Jesus Cristo, crucificado, que fez a entrega: “Filho eis aí tua Mãe; Mulher eis aí o teu filho.”
(Jo 19,26-27 in A Bíblia de Jerusalém – 1995: 2036)

Sentir-se sob essa dupla proteção faz com que o jovem que participa do GOU vislumbre segurança, apoio face ao ‘desencantamento do mundo’, fundamentado na racionalidade, e que o levou a considerar-se despojado das forças sagradas.

“O GOU é, neste sentido:

“um grande momento de comunhão com Deus e com os irmãos, apesar de, às vezes termos em média um GOU de 15 minutos. São momentos de graça, plena alegria e que nos dá força nos sentidos espiritual e prático, para enfrentarmos o mundo universitário, tão permeado de caminhos viciosos, talvez irreversíveis.”

(Esther – Goiânia/2001)

O GOU oportuniza, também, o desenvolvimento de relações de amizade, lazer, o que supõe a necessidade de aproximação e até de engajamento no grupo. O Grupo de Oração Universitário fornece, portanto ao jovem, o sentimento de apoio, de passagem da condição de insegurança à de segurança. Ele dá significado à VIDA!

Os depoimentos a seguir ilustram esta afirmativa:

“O GOU representa para mim Vida Nova, uma pessoa nova. Que não pensa em si mesmo mais com as outras pessoas. Um profissional de Deus, uma Família de Deus.”

(José, Goiânia/2001)

O sentimento de apoio a partir da fé confirma o GOU, visto pelo jovem como um ponto de apoio conforme o depoimento, a seguir:

“O GOU tem sido muito importante para elevar a fé de pessoas que muitas vezes, encontrando dificuldades, vêem suas esperanças diminuírem. Quando comecei no GOU, passei a sentir um amor muito grande por Jesus, e daí em diante passei a participar mais da igreja e de grupos de oração. A minha fé se fortaleceu e com isso comecei a sentir-me preenchida. Aprendi que as dificuldades existem e sempre existiram, mas com a perseverança na fé, os problemas tornam-se muito mais fáceis de serem superados!”

(Maria, Goiânia/2001)

Na expectativa e busca da felicidade, do prazer, da alegria, a ciência, do ponto de vista da razão, não responde às questões cotidianas de forma plena. O mundo de morte persiste nos hospitais, movido pela imperícia profissional, pela ineficácia das drogas, pelo descontrole das infecções hospitalares, pela criminalidade nas ruas e nos lares, em todas as instâncias públicas. Assim, o projeto do jovem de ser feliz, seu investimento cognitivo, vez que a maior parte de sua vida se desenvolve no interior da escola, não responde, temporalmente, aos seus anseios que se projetam na transcendência.

Deste modo,

“GOU é o elo de Deus e a Universidade. Se o meio acadêmico favorece ao questionamento, a sociedade em sua estrutura é voltada para a troca (ou melhor o

interesse). E é justamente uma quebra de todo esse somatório que o GOU faz. Voltado para uma fé profunda com a vivência do amor por graça, e não por todo o conteúdo que a razão e entende-se dúvidas e teorias tende fixar. O GOU é a certeza que o homem deve viver sua graça de filho de Deus em todo lugar.”

Depoimento de Tomé

(Reunião de Coordenadores / ASD – Goiânia / maio/2001)

Conforme o que nos sinaliza DURKHEIM, em relação à distinção entre magia e religião, que é o sentido de comunidade, o GOU tem esta representação na medida em que reúne em oração, especialmente, quando se expressa a solidariedade nos momentos da partilha e do envio. E ainda, em sua movimentação, entre uns e outros, o que acontece por meio do uso do telefone, INTERNET com uso de e-mail ou quando os participantes de GOU se encontram durante a realização de missas, seminários ou outros encontros. Ao acompanhar os jovens, neste eventos, presenciamos cenas desse tipo de encontro comunitário. O que nos leva a afirmar que o GOU expressa uma forma de vida comunitária que não se encerra nele mesmo, mas que faz parte de uma vivência religiosa do acadêmico universitário na comunidade maior da Igreja e que não fica isolada numa única paróquia. O jovem transita na Igreja e permanece por mais tempo na atividade religiosa conforme o seu interesse. A permanência não tem o sentido de paralítico, como afirma GRAMSCI, mas ao contrário, é dinâmica e o que importa é o projeto que o jovem tem. E ele busca realizá-lo na instância que julga própria. O jovem não quer perder de vista seu projeto de ser feliz, e isto, pelos depoimentos nas entrevistas, se dá com a sua aproximação com o sagrado. A convivência com a religião católica, no caso deste estudo, vai se esboçando, na vida do jovem, como afirma

WEBER, 1997:328) ‘vós bem e vivas longos anos sobre a terra’, já mencionada em experiência religiosa: vivência no GOU.

4.3. Reencantamento

A verdade e a esperança são parte de um projeto que busca na espiritualidade o ‘Reino que para todos foi preparado’. Assim o jovem perspectiva a “esperança de um mundo sem pobreza, fome, corrupção e com muito amor de Deus.”

Depoimento de João Esperança

(Reunião dos Coordenadores de GOU / ASD – Goiânia, maio / 2001)

Na direção de busca da verdade, a Igreja se pronuncia, na fala do Papa João Paulo II (Constituição apostólica do sumo pontífice João Paulo II sobre as Universidades Católicas, 1990: 3ss) ao afirmar que a Universidade Católica, nascida do coração da Igreja, “por sua vocação, a Universitas magistrorum et scholarium consagra-se à investigação, ao ensino e à formação dos estudantes, livremente reunidos com seus mestres no mesmo amor do saber”. Sublinha “que o objetivo de uma universidade católica é garantir, de forma institucional, uma presença cristã, no mundo universitário, em face dos grandes problemas da sociedade e da cultura”. (Op. cit. p. 13-14).

Neste mesmo documento o papa destaca que “numa universidade católica, a investigação compreende necessariamente buscar uma integração do conhecimento, o diálogo entre a fé e razão, sobre o que trata a encíclica que tem o mesmo nome “Fides et Ratio”, uma preocupação ética e uma perspectiva teológica. (op. cit. p. 16).

Na Conferência de Fiuggi ao dirigir-se às lideranças carismáticas o papa fala que “de uma formação sólida surgirá uma espiritualidade profundamente enraizada nas fontes

da vida cristã e capaz de responder às perguntas cruciais colocadas pela cultura de nossos dias”. (Cartilha Universidades Renovadas, 2000:22)

A participação do jovem na Universidade Renovada, projeto da secretaria Lucas da RCC, amplia o conhecimento do jovens na dimensão da fé, agregado ao saber das ciências que se situam no campo da razão, quer objetiva ou subjetivamente, resultante da formação acadêmica.

A caminhada no PUR incentiva o jovem à leitura das Sagradas Escrituras e à experiência dos carismas.

Neste sentido há uma efusão de carismas que no entendimento dos jovens universitários, partícipes dos Grupos de Oração Universitários, se expressam em dons: sendo os mais citados pelos participantes de GOU o louvor, seguido na mesma frequência, oração, oração em línguas (glossalalia), cura, partilha, sabedoria, cantar, falar, música. Entre os coordenadores de GOU os dons mais destacados foram: ciências, falar em línguas sabedoria seguidos com menor frequência os dons de cura, louvor, palavra e ainda profecia, discernimento e intercessão.

Do ponto de vista dos dons carismáticos os coordenadores e participantes dos grupos de oração estão mais próximos do tipo de liderança carismática que corresponde à ocupação dos cargos e funções burocráticas do que do carisma puro, visto como Dom da profecia, conforme a leitura que WEBER faz acerca do carisma e da burocracia, analisa o carisma de ofício, Dom que o sacerdote desenvolve assim como outras categorias de caráter político como o guerreiro e o político partidário já mencionados quando expusemos sobre lideranças carismáticas.

O texto bíblico, em At 2,4, faz referência à glossalalia. Em 1 Cor 12,4-11, confirma: “há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo; diversos modos de ação, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em

todos. Cada um recebe o Dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos. A um o Espírito dá a mensagem de sabedoria, a outro, o mesmo espírito dá a fé; a outro ainda, o único e mesmo Espírito concede o Dom das curas; a outro, o poder de fazer milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, o Dom de falar em línguas, a outro ainda, o Dom de as interpretar. Mas é o único e mesmo Espírito que isso tudo realiza, distribuindo a cada um os seus dons, conforme lhe apraz.” (A Bíblia de Jerusalém, 1995:2048, 2162)

A este respeito JUANES (1994:194-5) esclarece que “nos grupos de oração, que se abrem para a ação plena do Espírito de Deus, também existe a certeza de que o Senhor pode e deseja, através da ação do Espírito Santo, dar os seus carismas para construir a Igreja do amor. Os carismas são pedidos com humildade pelos membros do grupo, recebidos com agradecimento, fomentados com discrição e usados com discernimento.”

Há por parte da RCC e da Secretaria Lucas – Projeto Universidades Renovadas, iniciativas que movimentam e reúnem os seguidores em Seminários, Encontros, Acampamentos, dentre outros. Estes eventos alimentam, incentivam, renovam a caminhada ao mesmo tempo que preparam os seguidores para os serviços aos quais se vinculam. São momentos que se prestam à preparação para assumir suas funções. Equivale, de certa maneira, à formação educacional dos seguidores, embora, as lideranças dos cargos mais elevados recebam tratamento especial, como a pós-graduação à nível de mestrado e doutorado oferecidas em instituições católicas, inclusive em Roma, onde também são preparados os dirigentes da classe sacerdotal da hierarquia da Igreja.

As lideranças carismáticas, eleitas entre os seguidores, são preparadas, enquanto mentoras e orientadoras dos serviços carismáticos. Neste sentido, o movimento carismático mantém quer por parte do segmento do leigo ou do religioso obediência ao clero na expressão do Ancien Regime.

Na crença dos jovens a aproximação com o sagrado tem o significado de solução dos problemas, especialmente quando, na partilha, em clima de emoção, contrição são relatadas as experiências:

“O grupo de oração universitário, na minha vida, simplesmente é tudo, é Jesus na minha vida, é Amor, é cura, é conversão, é a graça de ter toda a minha casa, vivendo o amor, caridade e conversão a cada dia que passa. É a mudança de vida de minha família e o prazer de ter uma nova família na Secretaria Lucas. O GOU, me ajudou, me fortaleceu, me amou, me fez gostar do meu curso, me ajudou a concluir o meu curso superior e me fez sonhar em querer mais da vida com fazer mestrado, construir uma família sólida, me fez feliz. Transformou minha vida. E nisto Deus me capacitou, me curou, me formou, me fez ser um homem com uma nova visão”.

(Moisés, Goiânia, 2001)

Obs.: este depoimento é de um jovem que vivia em dificuldade na família cerceada pelo vício, difícil situação financeira e alguns membros pertenciam à religião protestante. Segundo o jovem, a família converteu-se ao catolicismo e atualmente ajuda nos eventos da Igreja Católica com seu trabalho como servos.

No entanto, o aprofundamento do conhecimento que o jovem passa a adquirir, do ponto de vista científico na academia e o seu crescimento na fé, terminam por influenciar nas suas decisões que tendem a fundamentar-se em critérios.

A passagem de uma condição ingênua a outra crítica, quanto à concepção fé e razão, esbarra na dicotomia doutrina e prática da Igreja hierarquizada. A instalação da

burocracia na RCC e na Igreja, de modo geral, fomentada com a distribuição de cargos e funções, vai minando o campo das lideranças o que certamente dificulta a caminhada na medida em que pode favorecer a rotinização. “A fé exige mudança” (BOFF, 1982:25).

A RCC, por meio do PUR, vem cumprindo a meta da expansão. Os GOU's têm-se multiplicado, não só nas Universidades Católicas, mas também nas congêneres instituições leigas, públicas e privadas. Todavia, a expansão por si só, não é garantia de que o projeto de busca da verdade que se fundamenta na máxima “Eu Sou o Caminho, a Verdade e a Vida” se confirme integralmente na Igreja.

O momento do reencantamento aponta, conforme as afirmações coletadas durante a realização da pesquisa, uma preocupação do jovem com a espiritualidade. O que indica que a passagem pelo GOU representa um toque no despertar da fé e da esperança na convivência com o sagrado para aqueles que, de algum modo, se mantêm vinculados jovens que fizeram parte da pesquisa (cerca de 30 jovens que freqüentavam o grupo de oração em observação) por meio de nossa participação em encontros, seminários, celebração de missas em diversas paróquias de Goiânia, destacando-se: Sagrada Família, São Paulo Apóstolo, São Francisco de Assis, Catedral Metropolitana e a Associação Servos de Deus, onde comumente os jovens freqüentam, pois sedia a Secretaria Lucas em Goiânia, constatamos outras formas de engajamento dos jovens nos serviços da RCC e mesmo em ações pastorais.

Em alguns casos, o reencontro chega ao nível do despertar vocacional ou não. Isto é, há jovens que, segundo relato, sentiram-se tocados e decidiram ingressar na vida religiosa, como há também aqueles que optaram em abandonar seu projeto de seguimento à vida religiosa.

Estas situações adversas nos encaminha à compreensão que a vivência dos carismas influencia os jovens a tomarem decisões que passam pela crítica acerca da trajetória de vida que almejam construir – uma vida de esperança centrada na fé, mas não isenta dos

conflitos hodiernos. Há, neste aspecto todo um esforço em termos de preparação pela RCC para que os carismas sejam desenvolvidos. São, em geral, ofertados cursos, encontros, além de outras iniciativas. Neste sentido a RCC contribui com a adesão de fiéis às ações clericais e, em determinados casos, incentiva as vocações sacerdotais e ministeriais.

A possibilidade do reencantamento tem toda uma trajetória a seguir. No seio da RCC a experiência nos serviços e na vivência dos dons não superaram os conflitos dos jovens, que pela influência dos carismas se tornam acirrados especialmente por considerarem que ainda persistem as contradições entre fé e razão, fé e poder temporal, secularizado.

CONCLUSÃO

A sociedade humana, neste final de milênio, tem se defrontado com um quadro de morte donde se descortina a criminalidade, a devassidão, o medo, a insegurança. De modo que o estabelecimento de uma ordem econômica, política e social fundamentada na racionalidade, na ciência e na tecnologia não logrou ao homem a segurança, o prazer, a felicidade.

O fenômeno religioso em expansão, opondo-se à previsão do fim da religião, ou da sua substituição por uma religião popular ou mesmo por uma religião sem deus, tem suscitado novos paradigmas para a compreensão de uma realidade plural, globalizada, multinacional.

A partir deste contexto nossa preocupação centrou-se na indagação sobre por quê o jovem se interessaria pela religião, especialmente o jovem acadêmico universitário uma vez que a ciência, cerne da experiência acadêmica, em geral, esteve em tensão com a religião.

Frente a esta questão entendemos que o movimento carismático católico, por meio do Projeto Universidades Renovadas tem incentivado os jovens a participarem de Grupos de Oração Universitários. Esta observação nos encaminhou ao estudo deste fenômeno, a partir da reflexão weberiana acerca do 'desencantamento do mundo' visto sob a ótica da racionalidade. A tensão entre ciência e religião nos colocou frente ao problema do poder presente nas relações: fiéis e clero e as tensões que se constatarem também no meio clerical.

O campo de estudo escolhido a RCC, enquanto movimento leigo na Igreja, terminou por indicar o Grupo de Oração Universitário, entendido como célula de um processo que se desdobra face à compreensão do fenômeno religioso, e fundamentalmente do envolvimento do jovem universitário neste processo.

Nossa perspectiva inicial, confirmada nos depoimentos dos jovens pesquisados, centrou-se na idéia de que face ao 'desencantamento do mundo', ou seja, da perda da imagem do sagrado ocasionada pela racionalidade da ciência, o homem busca recuperar o sagrado, a partir da irracionalidade da religião conforme nos assegura WEBER (1997). Neste processo o jovem, se encanta com a possibilidade de realizar seu projeto de ser feliz. Busca no convívio com o GOU encontrar respostas aos seus problemas cotidianos por meio de uma vivência e desta dos dons.

No nosso entendimento o jovem ao buscar o sagrado quer recuperar o sentido da vida que julga perdida no mundo de morte, desencantamento.

A leitura do fenômeno religioso a partir do movimento da Renovação \Carismática Católica nos permitiu perceber que ante as dificuldades colocadas pela ordem política, econômica e social, que têm gerado um mundo de contradições, conflitos, medo, insegurança, o jovem, não encontrando solução dos problemas no plano da existência material, recorre ao sagrado como instância imediata, para a solução dos seus problemas.

Neste sentido, a recorrência aos carismas, de certo modo, contempla, na perspectiva do jovem, aos seus anseios. O dom de curas por exemplo, tem sido explorado, mesmo a Igreja tendo recomendado cautela na vivência desse dom e reconhecido a importância da ciência nos campos específicos.

A iniciação aos dons carismáticos, no entanto, gera uma qualificação para os serviços na eclesia quer por parte dos párocos ou dos fiéis leigos. De modo que, a vivência dos carismas contribui para a confirmação ou fortalecimento das lideranças que ocupam os

diversos cargos ou funções na Estrutura da Igreja desde a coordenação do Grupo de Oração Universitário, base da pirâmide, aos serviços mais complexos que dependem da confiança e nomeação pelos bispos nas dioceses ou mesmo pelo papa nos cargos mais altos da burocracia da RCC no seio da Igreja.

A estrutura burocrática da Igreja se apresenta ao leigo como contradição com “a fé que exige mudança” (BOFF, 1982). Oposição ao modelo hierárquico que se mantém na ordem clerical.

Deste modo, a estrutura irrompe com o projeto de vida e vida nova que se busca na evangelização do jovem do 3º milênio.

Entendemos também que o movimento carismático católico lida com dificuldades, como: perspectiva a expansão dos Grupos de Oração Universitários face ao anúncio de Jesus na Universidade e à formação de futuros profissionais enquanto agentes na sociedade, na medida em que o GOU convive com a transitoriedade do alunado. Ocasionalmente pelo critério de seleção do aluno para sua participação no GOU, o que lhe permite livre trânsito na comunidade acadêmica e, sobretudo, motivada pela sua desvinculação da academia, quando concluída a graduação.

De modo que mesmo reconhecendo as possibilidades de permanência desses fiéis por meio da oferta dos diversos serviços e dos ministérios da RCC na Igreja ou fora dela como os Grupos de Partilha e Perseverança – GPP por si só, não são indicadores de legitimação de seus vínculos ou de pertença à Igreja.

A outra questão que se coloca relaciona-se à burocratização na RCC e que pode contribuir para o fomento do processo de rotinização que uma vez instalado, compromete a experiência ou vivência dos carismas, elemento que identifica o movimento carismático católico leigo visto que os dons são doados a todos.

Não há, neste sentido, critério de exclusividade, como ocorre com a celebração da Eucaristia, exclusiva aos sacerdotes (aquele que recebe o Sacramento da Ordem).

De outro lado, a RCC e especialmente o PUR por meio do GOU acenam para mudanças salutares como trazer o jovem para a Igreja sobretudo para as ações religiosas, como afirma WEBER para que ‘vós bem e vivas longos anos sobre a terra’.

Do ponto de vista da vivência cristã católica propiciar a retomada do culto ao Espírito, veneração a Maria, mãe de todos e a leitura das Escrituras e mais que a leitura a vivência cristã. Especialmente o lançar da semente do espírito de vida comunitária e quiçá de uma cultura cristã de vida em comunidade.

Além de fortalecer as relações de amizade, lazer, convívio familiar e grupal como indicadores de uma vida mais segura e prazerosa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Perry. *As origens da pós – modernidade*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- ARAÚJO, Luiz Bernardo Leite. *Religião e modernidade em Habermas*. São Paulo: Loyola, 1996. (Col. Filosofia; n. 37)
- BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos I*. Tradução Jaldemir Vitoriano (MT); Giovanni do Biasio (MC). São Paulo: Loyola, 1990.
- BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria da religião*. Tradução José Carlos Barcellos. 2 ed. São Paulo: Paulus, 1985. (Col. Sociologia e religião, 2)
- _____. *Rumor de anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*. Tradução Waldemar Boff, Jaime Clasen. 2 ed. ampl. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. 7 ed. Revista. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional / Paulus, 1995.
- BOFF, Leonardo. *Igreja: carisma e poder – Ensaio de eclesiologia militante*. 3ed. Petrópolis: Vozes, 1982.
- CARRANZA, Brenda. *Renovação Carismática Católica – origens, mudanças e tendências*. Aparecida, SP: Santuário, 2000.
- CASTRO, Anna Maria de; DIAS, Edmundo Fernandes. *Introdução ao pensamento sociológico*. 9 ed. Rio de Janeiro: Eldorado, 1985.

- CAVACA, Osmar. *O anúncio da vida in família Cristã*. São Paulo: Paulinas. Ano 63, n. 743, nov/1997.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Igreja e comunicação, rumo ao novo milênio*. São Paulo: Paulus, 1997. (Estudo da CNBB; 75).
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 34 1994, Brasília, DF. *Orientações pastorais sobre a renovação carismática católica*. São Paulo: Paulinas, 1994. 32 p. (documentos da CNBB; 53)
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 34, 1996, Itaiaci, Indaiatuba, *Projeto de Evangelização da Igreja no Brasil – rumo ao novo milênio em preparação ao grande jubileu do ano 2000*. São Paulo: Loyola, 1997. 84 p.
- _____ *Projeto de Evangelização da Igreja no Brasil em preparação ao grande jubileu do ano 2000*. 10 ed. São Paulo, SP. Paulinas, 1996 (documentos da CNBB; 56).
- _____ *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil – 1995-98*. 5 ed. São Paulo-SP: Paulinas, 1995. 179 p. (documentos da CNBB, 54).
- CORDES, Raul Josef. *Reflexões sobre a renovação carismática católica*. Tradução de Bárbara Theoto Lambert. São Paulo, SP: Loyola, 1999. 87 p.
- CRESPI, Franco. *A experiência religiosa na pós – modernidade*. Tradução de Antônio Angonese. Bauru, SP: EDUSC, 1999. 86 p.
- DESROCHE, Henri. *El hombre y sus religiones – ciencias humanas y experiencias religiosas*. Tradução M. Ruy Azcona. Estela, Navarra: Verbo Divino, 1975 – (col. Hombre Y Sociedad).
- DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Tradução Paulo Neves – São Paulo: Martins Fontes, 1996 (Col. Tópicos)
- GRAMSCI, Antônio. *Maquiavel, a Política e o Estado Moderno*. Tradução de Luiz Mário Gazzaneo. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

_____. *Concepção dialética da história*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986a.

_____. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

_____. *Literatura e vida nacional*. Tradução e seleção de Carlos Nelson Coutinho. 3 ed. Rio de Janeiro, 1986b.

_____. *Cartas do Cárcere*. Tradução e seleção de Noênio Spínola. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

HILL, M. *Sociologia de la Religión*. Madri, Ediciones Cristianidad, 1976.

JOANES, Benigno. *Que é a renovação carismática católica? Fundamentos*. Tradução de J. A. Ceschin. São Paulo, SP: Loyola, 1994.

JOÃO XXIII; JOÃO PAULO I; JOÃO PAULO II. *Os Papas falam sobre a renovação carismática*. 5ed. Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola, 1998.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas, SP: Autores Associados, São Paulo, SP: ANPOCS, 1996.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do nodo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo Loyola, 1999.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Sobre la religión*. Edição preparada por Hugo Assmann; Reyes Mate. Salamanca: Ediciones Sígueme / AGORA crítica Religión Sociedad, 1974.

MARX, Karl. *O Capital – crítica da economia política*. Tradução de Reginaldo Sant'Anna 10 ed. São Paulo: DIFEL, 1985.

MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós – moderna; entre a secularização e dessecularização*. Tradução Euclides Martins Balancin – São Paulo: Paulinas, 1995.

MENOZZI, Daniele. *A Igreja Católica e a Secularização*. Tradução de Tomás Belli. São Paulo: Paulinas, 1998. (Coleção: Igreja na história)

- MIRANDA, Júlia. *Carisma, sociedade e política: novas linguagens do religioso e do político*. Rio de Janeiro: Reluma Dumará; Núcleo de antropologia da Política, 1999. (Col. Antropologia da Política; 6).
- OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. *Religião e dominação de classe; gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- PAULO VI e a renovação carismática 2 ed. São Paulo: Loyola, 1987. 50 p. (col. “O novo Pentecostes”. 12).
- PEDRINI, Alírio J. *Carismas para o nosso tempo: reflexão teológico – pastoral*. 3 ed. São Paulo, SP: Loyola, 1994.
- PIRENNE, Henri. *História econômica e social da Idade Média*. Tradução Lycurgo Gomes da Motta. São Paulo: Mestre Jou, 1966.
- PORTELLI, Hugues. *Gramsci e a questão religiosa*. 2 ed Tradução Luiz João Galo; revisão Luis Roberto Benedetti. São Paulo: Paulinas, 1984. (Coleção Sociologia e Religião).
- _____. *Gramsci e o Bloco histórico*. Tradução de Angelina Peralva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. (Pensamento Crítico, v. 7)
- QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia de. *Um toque de Clássicos: Durkheim, Max e Weber*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.
- RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA DO BRASIL. Conselho Nacional. Escritório da Comissão Nacional. *A dimensão social da RCC: conclusões do 1º Fórum Nacional*. Aparecida, SP: Santuário; Brasília, DF: Centro de Pastoral Popular, 1999. (Col. Paulo Apóstolo; 24).
- SANTIDRIÁN, Pedro R. *Dicionário básico das religiões*. Aparecida, SP: Santuário, 1996.
- SICRE, José Luis. *Profetismo em Israel – o profeta, os profetas, a mensagem*. Tradução João Luís Baraúna. Petrópolis: Vozes, 1996.

- SIGNORE, Mário. “*Max Weber – ética religiosa e racionalidade moderna*”- in PENZO, Giorgio; GIBELLINI, Rasino. *Deus na filosofia do século XX*. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Loyola, 1998.
- SILVA, Maria da Conceição. *Vem, Espírito Santo, Vem: o catolicismo carismático em Goiânia (1973 – 1998)*. Franca: Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP “Júlio de Mesquita Filho, 1998. 168 p. (Dissertação, Mestrado em História).
- SMET, Walter (S.J.) *Comunidades carismáticas: o testemunho insólito da renovação cristã*. São Paulo: Loyola, 1987.
- UNIVERSIDADES RENOVADAS. Secretaria Lucas da RCC. Projeto Universidades Renovadas – um sonho de amor para o nosso país, 4º encontro nacional de universitários católicos carismáticos, 1999, São Paulo.
- VALLE, Isac Isaias. *A renovação carismática rumo ao novo milênio cristão*. São Paulo: Loyola, 1999.
- _____. *Caminhos da nova evangelização: estratégias de ação para o terceiro milênio cristão*. São Paulo, SP: Loyola, 1996.
- VIEIRA, Jaime Torre. *O mito da saúde e prosperidade: uma análise crítica ao chamado “movimento da fé”*. Lisboa: NIFRA (Núcleo Interdominacional de Fé Reformada), 1995.
- WEBER, Max. *Economia y sociedad – esbozo de sociología comprensiva* . Tradução José Medina Echavarría. Et al. México: Fondo de cultura Econômica, 1997. Título original *Wirtschaft und Gesellschaft. Grundriss der Vertehenden Sociologie*.
- _____. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 12 ed. Tradução M. Irene de Q. F. Szmrecsányi; Tamás J. M. K. Szmrecsányi. São Paulo: Pioneira, 1996. (Biblioteca pioneira de Ciências Sociais). Tradução de *Die Protestantische Ethik und Der Geits des Kapitaliomus*.
- _____. *Ensaio de Sociologia*. GERTH, H.H.; MILLS, C. Wright (orgs) 5 ed. Tradução de Walternsir Dutra. Rio de Janeiro: LTC, 1982. Tradução de From Max Weber: *Essays in Sociology*.